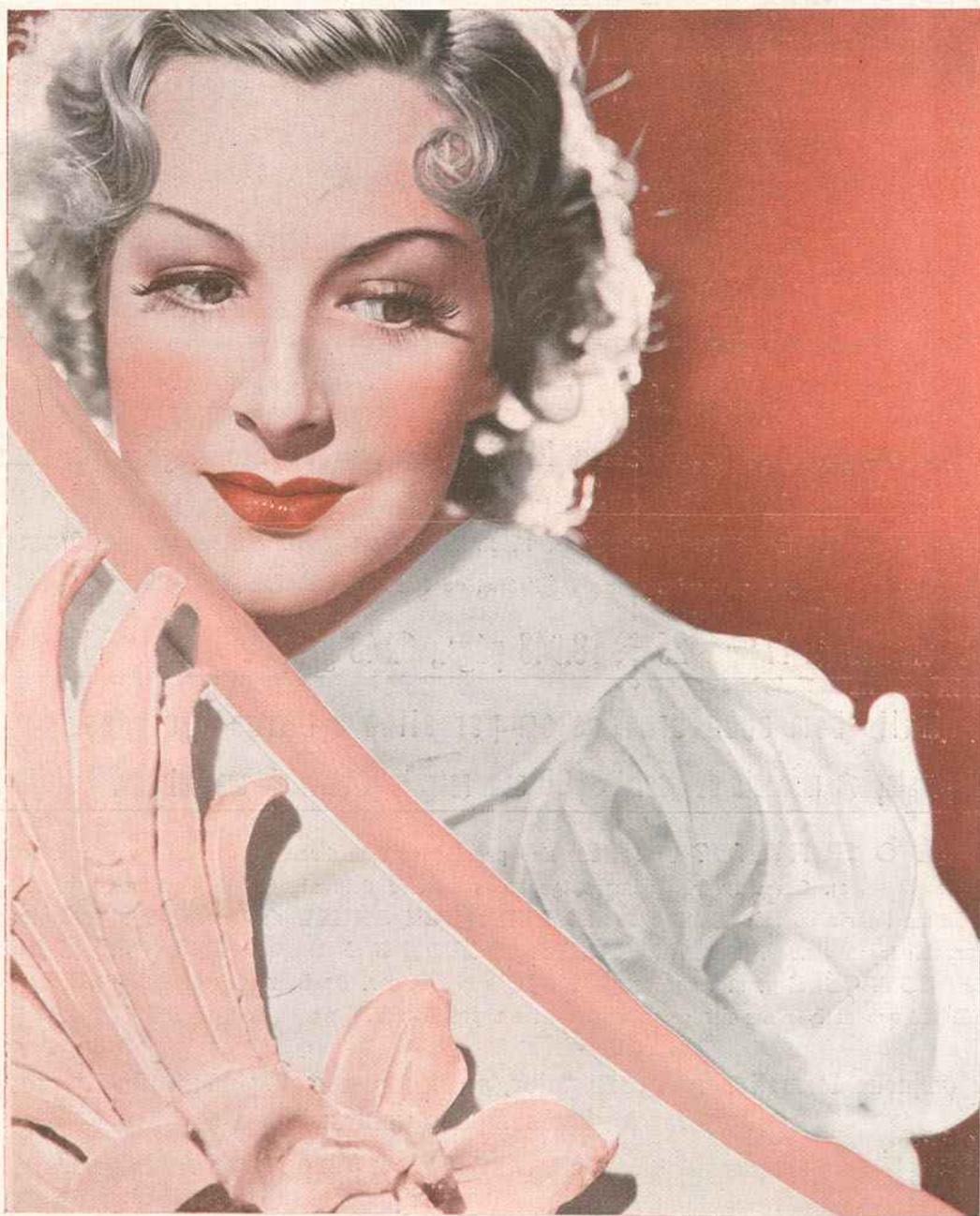


ILUSTRAÇÃO

N.º 293 — 13.º ano



Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua. Garrett, 73 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ulamar Português (Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada)	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada)	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada)	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Os bebés amamentados são os mais felizes e saudáveis

Todas as mães que amamentam deviam tomar

'OVOMALTINE'

porque teriam a certeza de poder amamentar o seu filhinho

À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercarias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.º - LISBOA

Sucesso de livraria:

PRIMEIRO PRÉMIO

De romances em língua francesa no Concurso Internacional de romances sobre o bolchevismo

O Império dos Sem-Deus

POR PIERRE CROIDYS

Romance de costumes soviéticos

No concurso constituído por ilustres escritores ingleses, alemães, espanhóis, russos e belgas, presidido por Henry Bordeaux, da Academia Francesa, foram apresentados cento e nove manuscritos, sendo cinquenta e um franceses. O júri, após 17 meses, que foi o tempo que levou a ler todos esses originais, concedeu o 1.º prémio ao romance *L'Empire des Sans-Dieu* de Pierre Croidys.

1 vol. de 320 págs., ilust. com 11 grav. e o retrato do autor, broc. **12\$00**
Pelo correio à cobrança . **13\$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**

Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
Produite BÉJEAN - Paris



Horas sem sofrer...
Horas felizes

A alegria de viver da mãe reflecte-se fielmente no rosto da criança. Por isso, devem todas as mães inculcar indelevelmente no ser da criança a expressão viva da sua alegria natural e evitar a dôr. E é também tão simples levar uma vida sem dôres com a

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone 2 1368

**Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA**



Eis a vossa

Fonte Solar!

Qual a importância do sol para o vosso bem-estar, V. Ex. verifica com a mais clara evidência depois de cada viagem de recreio. Destas «HORAS DE RECREIO» pode V. Ex. deixar beneficiar o vosso corpo durante todo o ano utilizando os raios ultra-violetas do «Sol de Altitude» — Original Hanau. As sessões só duram 3-5 minutos. E o resultado: V. Ex. se sente com novo ânimo, mais forças e tem a cutis sãdamente bronzeada.

Peça ainda hoje o catálogo ilustrado n.º 843. Preços e demonstração gratuita:

Siemens Reiniger S. A. R. L

R. Santa Marta, 153 — LISBOA

Instituto Pasteur

R. Nova do Almada,
71 — LISBOA

Aparelhos completos desde Esc.
1.176\$00



„Sol de Altitude“ - Original Hanau -

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A GUERRA NA CHINA

As tropas japonesas continuam a avançar em território chinês. Num lado destroem, noutra constroem, consoante as quatro fotografias que abaixo publicamos documentam flagrantemente: Na primeira da esquerda vê-se a condução de uma peça de artilharia que os japoneses acabam de desembarcar e servirá para bombardear Yang-Tsé-Kiang. — A' direita: um carro de assalto japonês atravessando uma rua de Nantao. — Em baixo, à esquerda: tropas japonesas de engenharia reparando uma ponte destruída pelos chineses nos subúrbios de Nantao. — A' direita: tropas japonesas reparando a via férrea entre Pequim e Han-Keu.

Esta guerra da China faz lembrar um pouco a teia de Penélope. O que se faz hoje, desfaz-se amanhã... No entanto, o Japão acaleta a esperança de que, devido à pacificação da China do Norte, é muito provável que a permanência das tropas nipónicas acelere a pacificação de todo o país e consolide a posição japonesa.

Assim, o exército nipónico não teria necessidade de avançar até Cantão. Acredita-se também que a China do Sul venha a libertar-se, por si própria, de Chang-Kai-Chek. Se assim succedesse, a entrada de armas por Hong-Kong, para os chineses, representaria um benefício para os nipões, pois viriam a ser utilizadas a favor dos seus desígnios.

Boas contas que, no fim de contas, podem sair erradas...

E' que os observadores mais imparciais vêem nestes cálculos apenas um optimismo exagerado. Por sua parte, os meios económicos receiam que a luta, transformada em guerrilhas, se arraste e esgote muitas das remessas japonesas.

Pois se é êsse o plano de Chang-Kai-Chek que, desde o princípio, está fazendo uma guerra de desgaste!

Mas o inferno chinês tem outras ramificações. Segundo o testemunho de pessoas que viajam na linha do caminho de ferro Pequim a Han-Keu,

os japoneses incendiaram centenas de aldeias chinesas ao longo daquela via de comunicações para impedir que servissem de refúgio e base de operações aos guerrilheiros chins.

Observando friamente a questão, um crítico ilustre teve êste desabafo:

«Desgraçadamente, a Europa que durante tanto tempo tem tolerado a infiltração soviética na China e a acção dissolvente do Komintern no Mundo inteiro, não tem a consciência da unidade da civilização que deve defender. A Alemanha e a Itália, que foram as principais a denunciar o perigo amarelo, tornam-se cúmplices do Japão. Quanto aos outros Estados, não têm mais autoridade, nem a força para reagir contra aqueles que, ameaçando-os em sua casa, se riem dêles na Asia».

Mais do que nunca, cumpre salvar a nossa civilização, pondo a Pátria acima de tudo.





do Governo nem da consciência. Somos um milhão de irresponsáveis soltos na rua. Somos o povo no Carnaval; e o Carnaval é do povo, a rua é do povo, o mundo é do povo. Há milhares de homens vestidos de mulher e milhares de mulheres vestidas de homem. Confusão. Ranchos de negros, representando a história de Maria Antonieta e do rei Capeto. Evocações gregas e evocações indígenas. África e a Renascença. Religião e sensualismo. Miséria e pompa. Portugueses e mulatas. Brasil. Muito Brasil. Todos os mistérios, todas as aflições do Brasil.

TODO o Carnaval que passo no Rio me perturba um pouco. Sinto uma verdadeira necessidade de escrever sobre o Carnaval, mas não consigo escrever nada. Sou completamente incapaz de fazer qualquer coisa durante esses dias, a não ser andar pelas ruas, pular, dançar, beber e cantar. Canto muito mal. Raramente tenho a alegria de encontrar uma pessoa tão desentoadada como eu; não há, em toda a minha vasta família, uma só criatura que não seja uma perfeita negação musical. Durante todos os dias do ano essa incapacidade musical desgosta-me e chega a deprimir-me como se fosse um defeito físico. O pior é que muitas vezes sinto uma necessidade imperiosa de cantar, o que não faço. Pois bem: no Carnaval eu canto na praça pública, com toda a audiência e todos os pulmões. E o maravilhoso é que ninguém me censura. Pelo contrário, muitas vezes acontece que um desconhecido ou uma desconhecida adere ao meu canto, vem cantar comigo. Logo se juntam outras pessoas, e eu tenho a glória de ser o pioneiro de um pequeno grupo que marcha cantando no meio da multidão. O que sinto, nesse caso, é o que sentiria um cego que descobrisse uma nova estrela. Do meu caso pessoal posso tirar uma explicação colectiva: a explicação do formidável fascínio do carnaval para o povo como um grande momento de libertação. Já não há mais polícia, nem

Gente alta.—Vamos começar pela alta sociedade. Não é bem certo dizer que ela "faz" o Carnaval; é melhor dizer que ela festeja o Carnaval. O grande baile do Teatro Municipal, as *soirées* luxuosas dos casinos e dos clubes elegantes são, é verdade, festas cheias de vibração onde o ambiente, muitas vezes é de absoluta febre. Mas o que se sente ali é uma comemoração do Carnaval, e não o Carnaval em si mesmo, como pode julgar um turista desprevenido. São grandes festas, mas não passam de festas.

O desfile imponente dos grandes clubes pela Avenida, com seus préstimos enormes, seus carros alegóricos e críticos, onde se empoleiraram mulheres que são deusas, a sua cavalaria de honra, os seus clarins, os seus fogos de artifício que deslumbram a multidão, é apenas um espectáculo. E o corpo lento e infinito de automóveis enfeitados ou floridos, onde rapazes e moças fantasiados cantam horas e horas jogando serpentinas — é apenas um divertimento. Os estranhos banhos de mar à fantasia são apenas uma brincadeira. O Carnaval é mais que uma festa, que um espectáculo, que um divertimento, que uma brincadeira.

Funcionários públicos.—A classe média, do nível do funcionário público comum, tem o Carnaval de rua e o Carnaval de salão. Pertence a essa classe o



FESTAS DE TODOS

O carnaval no Rio de Janeiro

Três dias de folia para todo um ano de fadiga

tipo do "folião"; o pai de família exemplar que sai de casa, sábado à tarde, e volta na quarta-feira. São da classe média milhares e milhares de moças e mulheres, rapazes e velhos que se lançam à rua para as batalhas de *confetti*, que formam blocos, fazem o corpo, dançam infinitamente, com uma resistência bárbara, uma excitação de quatro dias. A moça brasileira no Carnaval desforra-se, ardentemente do recato em que vive durante o resto do ano. Veste as fantasias mais extravagantes, representando povos de todos os países do mundo em todas as épocas. Perde todos os horários, esquece todas as obrigações, deixa-se arrastar pelo delírio geral, diverte-se afiladamente. A moça de classe média é exactamente a que tem uma vida mais cheia de preconceitos. Desabafo tudo no Carnaval. É certo que, como acontece na política, uma parte da pequena burguezia no Carnaval deixa-se levar a rebóque do operariado, entra para suas organizações e, se não vai aos seus bailes, confraterniza com ele na rua; e outra parte faz sacrifício para se confundir com a alta sociedade.

O facto é que o Carnaval rebenta como uma bomba no seio da severa família da classe média. Não raro, cada membro da família vai para o seu lado, e a venerável instituição deixa de funcionar durante quatro dias. A vida é a vida, e o Carnaval é o Carnaval. De resto, nisso tudo há menos malícia do que se poderia supôr. Embora fortemente sensual, essa anarquia carnavalesca tem qualquer coisa de pureza, de gratuidade, de bemaventurança.

Os pobres.—São os negros, brancos e mulatos da plebe, os que realmente fazem o Carnaval. Que dão ao Carnaval a sua música, a sua dança, a alegria absurda, a tristeza enorme. Incontestavelmente o elemento negro é o *leader*. Nas escolas de Samba, ele domina, e quasi todos os grandes cantores de samba dos morros, do samba mais samba, são negros. Não é difícil descobrir, em certos sambas, a influência das músicas, da religião negra. Enquanto a classe média durante o Carnaval prefere cantar as alegres e fáceis marchinhas, o povo pobre, é fiel ao samba.

Uma escola de Samba, é uma verdadeira escola, onde há uma disciplina dura e uma selecção de valores perfeita. Durante meses e meses, ali se reúnem dezenas de operários e cozinheiras, velhas e meninas, ensaiando e estudando. O samba não é escrito em papel. É composto na garganta, vai sendo feito colectivamente, é uma coisa de todos. Uma

coisa triste, ardente e misteriosa. Nunca me esquecerei de uma noite, na escola de Samba da Estação Primeira do Morro da Mangueira, em que ouvi o negro Cartola, cantar com a sua voz grossa e lenta, perante o corpo das mulatas, sobre o batucque duro dos instrumentos:

*Semente de amor
Eu sei que sou desde nascença
Mas sem ter vida e fulgor
É a minha sentença...*

Ele cantava isso com a sua voz negra, poderosa, misteriosa, erguendo os dois braços. E o corpo das mulatas estalava o estribilho:

*... Não quero mais
amar ninguém...*

Em uma escola de Samba é proibido qualquer instrumento de corda e de sopro: só o tambor surdo, a cuica, com o seu som estomacal, e o tamborim, que faz a marcação. Entretanto, a música dessas escolas não tem nada de monótona; é melódicamente riquíssima. O ambiente é de furor e de realidade. Ninguém ri. Mulatas copeiras, gastam três meses de ordenado em uma fantasia de condessa.

O sujo.—Uma escola de Samba ou um "Rancho", só se apresenta na rua perfeitamente organizada. Toda aquela gente pobre exhibe fantasias coloridas, brilhantes, sumptuosas, monárquicas. O "Rancho", em geral tem um enredo, que é desenvolvido na dança e no canto. Esse enredo tanto pode ser baseado em um facto histórico nacional ou estrangeiro como em qualquer lenda. Pode representar simplesmente uma história de flores e borboletas, e pode representar o

caso de Cleópatra e Marco António. Qualquer super-realista ficaria encantado. São comuns as encenações asiáticas. De qualquer modo em uma escola de Samba ou em um "Rancho", o pobre deixa de ser pobre, faz teatro no meio da rua. Expressando uma tendência exactamente contrária do proletariado no Carnaval, existe o chamado "sujo". O "sujo" forma-se ao acaso, em qualquer bairro. Geralmente é feito por operários e empregados domésticos. Mas é comuníssimo ver no interior de um "sujo", uma confraternização de classes e de raças, o que aliás, não espanta ninguém no Brasil, onde não há nada estratificado — nem mesmo o país.

O que é trágico no "sujo" é o facto de ser um bloco de pobres fantasiados de... miseráveis.

É a pobreza curvando-se sobre si mesma, fazendo uma dolorosa auto-caricatura e divertindo-se extraordinariamente com isso. Passar o carvão na cara; vestir roupa velha pelo avesso, levar um guarda-chuva arrebentado, uma lata de *herozene* vazia; colocar uma máscara suja e feia, apresentar o aspecto mais ridículo e miserável que for possível: eis como a gente se prepara para um "sujo". Pretas velhas e gordas, que tão gordas e velhas, parecem não poder andar, pulam quilómetros e quilómetros dentro de um "sujo". Moças distintas, de família cheias de importância e preconceitos, sentem prazer em tomar parte. Irreconhecíveis, em um "sujo". Mulatinhas jovens, dançam voluptuosamente. Negros enormes, vestem-se de mulher, formando grandes seios de pano. E essa gente absurda vai pelas ruas em pleno dia, invadem as casas, fazendo um barulho infernal. Certa vez em um "sujo". Cantamos e dançamos durante cinco horas. Na frente ia uma cabocla com um chapéu arrecadando dinheiro. No fim da tarde tinhamos mais de vinte mil reis que transformamos em aguardente. A polícia naturalmente, não vê com bons



olhos o "sujo" que tem qualquer coisa de anarquista, de dolorosamente humorístico.

Oficializado.—O carnaval no Rio está oficializado. Seria, possível, aliás, descobrir nele um importante sentido político, como válvula de segurança. E' no carnaval e no *foot-ball* que o Brasil gasta metade dos seus ardores. Uma energia descomunal que se desperdiça, um movimento de massa monstruoso, uma alegria feroz, uma espécie de vingança contra tudo. Que importa o mundo? No meio da rua há milhares de pés batendo na mesma cadência, e milhares de gargantas cantando o mesmo canto, e milhares de corpos suando o mesmo suor.

E o carnaval não é apenas um acontecimento para a carne. Muita alma. Tudo que ha dentro de cada alma. Tudo de todos. Para todos.

Quarta-feira de Cinzas, naturalmente todo o mundo abatido, gripado, sem dinheiro, com a moral no chão. É a vida outra vez. A velha vida. A mesma de antigamente. Os trabalhadores trabalham. As cozinheiras cozinham. Os funcionários funcionam. E tudo isto é absurdo.

RUBEN BRAGA





NOTÍCIAS DA QUINZENA

O desfile dos sócios de «A Voz do Operário» em frente do edifício desta colectividade que completou o 55.º aniversário



A concentração de cerca de quatro mil crianças das escolas de «A Voz do Operário», no Terreiro do Paço. Após um desfile pela Baixa, foram assistir a um espectáculo no Coliseu



O sr. dr. Alfredo da Cunha lendo o seu discurso na sessão de homenagem ao dr. José de Figueiredo no Museu de Arte Antiga
A direita: O sr. dr. Caeiro da Mata com alguns professores e as novas direcções das associações académicas das Faculdades de Ciências e Medicina



O sr. embaixador de Inglaterra na sua visita à Associação Comercial de Lisboa. Este facto é de um alto significado para as relações económicas entre os dois países aliados

A MISSÃO MILITAR INGLESA



O sr. Presidente do Conselho com o sr. embaixador da Inglaterra e os membros da missão militar que o foram cumprimentar ao Palácio de S. Bento



Os membros da missão militar inglesa com algumas das entidades que os foram esperar. Esta fotografia foi tirada a bordo do «Alcântara» em que a missão britânica entrou a barra



A missão inglesa na Majoria General do Exército onde foi cumprimentar o sr. general Moraes Sarmento. As apresentações foram feitas pelo sr. tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais



Retrato do arquitecto José António Gaspar, 1889, o Centro Artístico do Porto, editou um Album esplendido com a reprodução das suas principais obras e com estudos do cônego Alves Mendes e Manoel Maria Rodrigues, dois dos seus melhores amigos; dez anos depois, em 1899, apareceu o volume de António Arroyo, que foi um ensaio de mais desenvolvida análise sobre aquela obra, embora comprimido entre teorias e sentimentalidades parciais; e em 1936, o publicista Angelo Pereira, reuniu algumas suas cartas, com ponderados comentários, que ajudarão o desenho honesto do retrato a completar em melhores dias. Pena foi que José de Figueiredo não chegasse a publicar, como sonhára, a mancha de cartas que possuía, ilustradas

do Artista, em 1889, o Centro Artístico do Porto, editou um Album esplendido com a reprodução das suas principais obras e com estudos do cônego Alves Mendes e Manoel Maria Rodrigues, dois dos seus melhores amigos; dez anos depois, em 1899, apareceu o volume de António Arroyo, que foi um ensaio de mais desenvolvida análise sobre aquela obra, embora comprimido entre teorias e sentimentalidades parciais; e em 1936, o publicista Angelo Pereira, reuniu algumas suas cartas, com ponderados comentários, que ajudarão o desenho honesto do retrato a completar em melhores dias. Pena foi que José de Figueiredo não chegasse a publicar, como sonhára, a mancha de cartas que possuía, ilustradas

com os desenhos do seu arquivo. É de esperar, no entanto, que mais dia mais dia esse volume apareça, no qual se deveria estampar a carta dirigida a Joaquim de Vasconcelos e publicada em 1905, na *Revista*, que é uma triste autobiografia datada de 1879.

Muitos e muitos artigos de gazeta, por todo o país e a propósito de questões sérias, servirão de achêgo útil a quem se der aos cuidados da história completa daquela vida, daquela obra e das suas memórias póstumas. Quando calha o vento lembrar esta homenagem ambicionada de ternura e de justiça, correm logo a apoiá-lo uns tantos românticos, atraídos pelo alarme da reabilitação. A razão, porém, é sempre dolorosa para esses poetas da generosidade com os mortos. Esquecem-se como frioleiras que não engordam papos nem dão penduricalhos aos vivos. Mas a esperança dos teimosos aguarda nova oportunidade e volta de escantilhão a gritar na imprensa o seu sonho, podendo dizer-se assim que a-pesar-de tudo Soares dos Reis é dos artistas portugueses mais ricos de devoção.

Por alturas do seu enterramento; da inauguração da estátua, em Gáia; da festa comemorativa, no S. João, do Porto; nos aniversários do seu nascimento e do seu suicídio; a quando da mutilação da *Virgem da Vitória* e da falsa lenda do Artista haver empenhado a medalha ganha em Madrid; da inauguração das galerias com a sua obra, nos claustros da Serra

O excelso artista Soares dos Reis

A propósito dum retrato antigo

do Pilar e no Museu que tem o seu nome; da compra da oficina onde trabalhou, etc., etc., comentando isto ou aquilo e sempre em defesa dessa memória venerável e gloriosa, muitas dezenas de artigos e discursos, notas e recordações, têm alimentado o nacional desejo da consagração definitiva daquele Génio. Nomes ilustres se têm honrado nesta peleja, desde Ramalho Ortigão a Teixeira Gomes, a Manoel Laranjeira, a Teixeira de Pascoais, a José de Figueiredo, a Joaquim de Vasconcelos, a Afonso Lopes Vieira, a Júlio Brandão, ao Padre Patrício, a Pedro Victorino, a Aarão de Lacerda e a tantos e tantos homens bons, que, para os citar a todos, não chegava uma página desta "Ilustração". De quando em vez aparecem promessas públicas ensaios sobre a personalidade e a obra do grande Estatário, que com o rolar do tempo esquecem e ficam em projecto. Inúmeras revistas têm estampado desenhos e esculturas suas, consoante razões ocasionais; números especiais apareceram, como o da "Ilustração Moderna" a "Nova Villa de Gaya", e o programa duma recita de estudantes; e houve mesmo quem escrevesse um hino em sua honra, não tendo faltado os poetas com as suas homenagens em verso.

Como se vê, a devoção é grande e a Fé é forte. Entretanto, o catálogo das suas esculturas, dos seus desenhos, das suas pinturas e gravuras está por fazer. De longe a longe, sabe-se que desapareceu um esboço, que se desfez um estuque, que um desenho se rasgou e que outras obras se mutilaram. E o tempo passa!...

Não existe uma modesta monografia de fácil alcance para o povo e para os estudantes falando deste milagre, que serviria de proveitosa lição e estímulo a todos e nos explicaria certos orgulhos que trazemos na pele, incoerentemente. Marques de Abreu, a quem se devem tantos louvores pela ajuda gráfica na divulgação da Arte Portuguesa, ainda não meceu a sério as mãos á obra, como é de esperar da sua acção e da sua intuição de artista. Não seria boa a altura — falta um ano para oficialmente a obra de Soares dos Reis passar ao domínio público — do Comissariado de Propaganda, de colaboração com aquele editor ou outro qualquer,

e dum livro muitíssimo recente

empreender este trabalho, mas com mais larga visão, pensando no povo simples e também nos homens cultos, de forma que esta obra fôsse conhecida dignamente no estrangeiro?

Mas Marques Abreu, através das suas revistas, de postais e agora dum volume, já começou a agir. Acaba de editar um livro de *recordações*, de Diogo José de Macedo Júnior, um dos mais íntimos amigos de Soares dos Reis, e porventura o mais fiel paladino da sua memória, sempre na brecha para esclarecer um erro, contar um episódio inédito, defender-lhe a honra e pondo as coisas no seu lugar, com datas e factos certos, com carinho e com paixão pela verdade. Foi a aparição deste volume, que me trouxe mais uma vez a aumentar o aranzel em volta do Maior Estatário português, depois de Machado de Castro. Ilustrado com belos desenhos e com a reprodução de dois bustos que andavam perdidos por terras de Santa Cruz, é um livro simples, despretencioso, evocativo, anedótico e sobretudo documental. Entre tantos documentos apresentados com a singeleza dum amigo saído que não deseja fazer crítica, destaca-se o do queixume do Mestre quando a canalha tentou agredi-lo no melhor da sua alma, acusando-o de não ser ele o autor do *Desterrado*. Só pela republicação deste documento, o volume merece mil aplausos; mas uma regaçada de lembrança e pormenores, testemunhos imparciais sobre a vida particular do Artista, colocou este livro a par dos outros de crítica. As palavras de ternura e de verdade, valem tanto ou mais que as de erudição, de psicologia ou de complexidades estéticas.

Ligam-me ao autor deste livro, além duma amizade respeitosa, próximos laços de parentesco, que me forcem a catar a minha agradecida opinião a seu respeito; ao ver ali citado o nome do arquitecto José António Gaspar, engenheiro de pedestal do monumento a Afonso Henriques, em Guimarães, aproveite o ensejo de aqui reproduzir um retrato que a boa sorte me deparou ultimamente, sendo como é, uma conscienciosa pintura a óleo de Soares dos Reis. Existente há muito por cima duma porta da secretaria da Escola de Belas-Artes de Lisboa, este retrato do Mestre Gaspar, em tons



Soares dos Reis — retrato a carvão pelo falecido pintor José Maria Soares Lopes, companheiro do filho do Artista

queimados e de pincelada vigorosa, algo sonântico e de expressão concentrada, passou agora, graças ao actual director daquele estabelecimento, para um lugar de honra no gabinete privado onde os professores se reúnem para solenes conferências. Porque nunca foi reproduzido publicamente e pouco conhecido é dos amadores de Arte, pedi autorização a quem a podia dar, para sem comentários que julgo escusados, o revelar nestas páginas. Que aqueles portugueses afortunados, fugidos á fumarada das póliticas e das ganâncias, o avaliem e julguem com o coração, que em Arte, é ainda o mais sábio juiz. Mais não devem pedir, por enquanto, os artistas, para a obra genial de António Soares dos Reis, porque quando a sensibilidade nacional vibrar perante ela, o Artista deixará de ser o

incompreendido, do qual falam os escritores com carradas de razão, mas muitas vezes com culpas no cartório.

É tempo de se proceder á glorificação do artista excelso. Aos homens de boa vontade se deveria recorrer, porque, muitas vezes, para uma flor sêca não há fortunas que a paguem.

Ao mesmo tempo publica-se aqui um retrato do Artista desenhado a carvão pelo falecido pintor José Maria Soares Lopes, companheiro do filho de Soares dos Reis, dos quais a minha salidade conserva as melhores ternuras, em recordação dos nossos bons tempos de estudantes...

...quando iam a rir pela existência fora...

DIOGO DE MACEDO.
Escritor

De longe a longe o badalo dos entusiasmos anuncia as horas dos resgates; mas vem o tempo, com as suas névoas e a sua complicada inconstância, e envolve tudo em novos esquecimentos, dando paz aos mortos e tormentos aos vivos. A glorificação de Soares dos Reis, tem-se feito ás pinguinhas, aos empurrões, por tentativas sem unidade, quasi misteriosamente. Leonardo Coimbra escreveu um dia: — "Vou falar do mistério e lembro-me da saúde. Penso no *Desterrado* de Soares dos Reis. Porquê?"

Parece que a verdade é mais a saúde do que propriamente a justiça, a causar dessas lufadas de glória em favor duma grande memória. Para os literatos portugueses, se ãe não houvesse esculpido o *Desterrado*, que o excepcional sentimento do Artista tornou um símbolo nacional, por certo a sua obra não passaria dum clarão plástico, ao qual não ligariam maior importância do que a um vulgar relâmpago de inverno. Contudo, no coração de meia dúzia de homens existe uma espécie de revolta latente, que periódicamente, como um desespêro, vem aos jornais, vem ao ar-livre, reclamar o saldo duma dívida contraída há meio século. Passa como um desabaio incidental e a névoa esfuma tudo de novo, na característica espessa de definitivas resoluções.

No entanto, pouco a pouco, têm-se juntado algumas pedras para a alicerces do monumento final. Meses após a morte

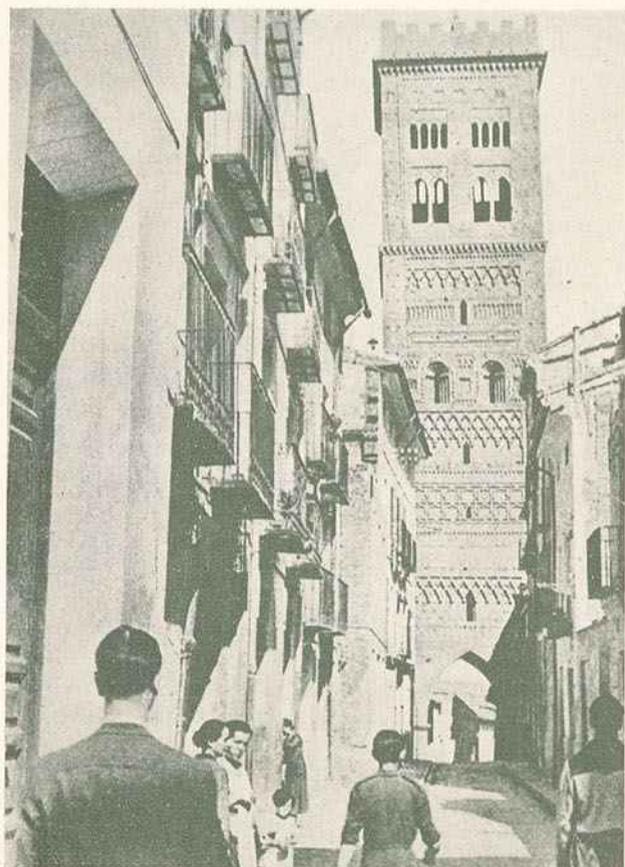
ASPECTOS DE TERUEL



Um expressivo desenho feito em Teruel, focando os resguardos de que as tropas se serviam para resistir ao frio siberino que mais que as forças inimigas dificultava a heroica reconquista



Uma sentinela entre as ruínas de Teruel pouco depois da reconquista da cidade. Pela grandesa dos escombros vê-se a violência dos bombardeamentos e a impetuosidade da luta travada. Finalmente Teruel caiu em poder das tropas nacionalistas que, dentro em pouco, farão renascer dos escombros a formosa cidade, mais bela ainda, e mais espanhola do que nunca



Um interessante aspecto da parte velha da cidade Teruel, vendo-se a formosa torre da «calle» do Salvador que remonta ao século XIII e que é um dos grandes atractivos da região. Os episódios da luta travada revelam bem quanto heroísmo foi necessário para que a população turolense se mantivesse no seu posto de honra



A catedral da Assunção, que data do século XV e que passa por ser um dos mais importantes templos em beleza arquitectónica de Teruel. É a sede do bispado

TAL como a vida, no dizer dos nossos avós, o comerciar não custa, o mais difícil é saber comerciar.

Haja vista o engenhoso processo adotado pelos grandes fabricantes dos produtos de beleza que tanto enlevam a mulher de hoje. Para mais amplo reclamo, espalham pelo Mundo agentes especializados na maquiagem que gratuitamente indicam às damas o *rouge* o *bâton*, os cremes que devem usar a fim de se tornarem mais belas ainda e poderem pleitear encantos com as mais celebradas *vamps* de Hollywood.

A ideia é magnífica, e tinha de dar resultado, atendendo à tendência que as mulheres manifestam por essas futilidades.

Noutros tempos, os nigromantes encerravam-se anos e anos nos seus laboratórios diabólicos, à procura do elixir da longa vida. Após mil e uma experiências, o mago voltava ao princípio, pois nada podia entrar a marcha da decrepitude que fatalmente há de atingir todos os mortais.

Valeu de muito ao dr. Fausto o ter vendido a alma ao Diabo, a fim de parecer jovem aos olhos da pobre Margarida que, como todas as Margaridas de ontem, de hoje e de sempre, tinha um grande fraco pelos adornos valiosos.

É possível que Satanaz fôsse logrado na transacção, visto o Poeta ter increpado desta sorte o dr. Fausto:

*Quando vendeste a alma bem sabias
Aquilo que vendias...*

Mas as mulheres nunca aproveitaram os bons exemplos.

Temos agora um caso.

Mirem-se neste espelho as vedetas de hoje:

Suzana Munte, a bela actriz que foi o ídolo de S. Petersburgo, morreu há dias miseravelmente num catre de hospital em Paris.

Foi sepultada no cemitério de Montmartre, ao lado de sua mãe que foi Lina Munte, igualmente artista de grande fama que desperdiçou oiro ás mãos cheias e morreu na maior miséria, sem que um

dos seus muitos colegas que a louvaram e adularam se dignasse acompanhá-la à derradeira morada.

Tal mãe, tal filha... Destinos paralelos! O exemplo da mãe não aproveitou à filha.

O triste fim de Suzana Munte

Há cerca de três meses uma pobre velha apresentou-se num dos hospitais parisienses. Sentia-se morrer. Já não podia dar um passo.

Foi-lhe apresentada uma ficha para que a preenchesse, como é uso.

A velha traçou no papel que lhe apresentavam apenas o nome e a idade: Suzana Munte, 70 anos...

Era esta a artista gloriosa que esbanjára uma fortuna imensa e que socorrera sempre com uma largueza principesca os seus então numerosíssimos amigos!

Esta mulher teve tudo o que poderia desejar no Mundo. Batida pela adversidade era muito orgulhosa ou muito tímida para estender a mão à caridade. Durante mais de dez anos vagueou através de Paris, curtindo a sua miséria, com os seus trajos coçados e o mesmo chapéu amarelado pelo sol e deformado pela chuva.

Mas a sua silhueta esguia denunciavam-na onde quer que chegasse.

A propósito de tudo e de nada, falava da Rússia e ria-se desses tempos — os melhores tempos que passára. Recordava os príncipes que tantas vezes se ajoelham a seus pés e que nas plateias a vitoriam nas noites de triunfo. Tudo isso lhe evocava a sua celebridade esquecida, morta, parecendo-lhe ouvir ainda o eco desses aplausos entusiásticos. E então chorava...

Quem se lembraria dela?

Ao seu leito de agonia foram visitá-la Vítor Boucher, Sacha Guitry e André Mégard.

Suzana Munte não exagerava quando falava dos seus triunfos na capital russa. Pode dizer-se mesmo que conquistou a mais alta glória. Em 1897, julgando-se perseguida, quis ir-se embora, tendo sido instada pela imperatriz-mãe para que ficasse.

O que essa artista conquistou!

No 3.º acto da "Tosca", o pano do famoso teatro de S. Miguel, de S. Petersburgo, levantou-se catorze vezes e outras tantas a gloriosa actriz teve de aparecer. No último acto, todos os espectadores se levantaram. Uma sala inteira, em que figuravam príncipes, grão-duques, embaixadores, se erguera a aplaudir numa verdadeira apoteose.

Na primeira representação, o imperador Nicolau aplaudira-a entusiasmado.

Alguns anos mais tarde, quando da guerra russo-japonesa, foi encontrado no peito de alguns oficiais tombados no campo de batalha, o retrato da artista como um amuleto protector.

Durante este tempo, Suzana fez uma *tournee* mundial com Vítor Boucher.

Depois voltou à Rússia.

Foi-lhe oferecido um ban-

quete de boas-vindas, a que presidiu, tendo à sua direita o grão-duque Alexis e à sua esquerda o grão-duque Nicolau. No final, este levantou-se e dirigiu-se aos convivas: — Meus senhores, eis o meu capacete.

Lançou nele tuco o que vos fôr mais caro para fazermos um presente à nossa querida amiga Suzana.

E, dando o exemplo, atirou para dentro do capacete com uma ci-

garreira de oiro com as suas armas em diamantes, que o imperador lhe oferecera. E todos foram deitando o que tinham sem a menor hesitação.

Por ocasião da revolução, voltou a Paris, representando ainda em vários teatros.

Foi, nesta altura, que a adversidade a esmagou. Suzana passou a ser uma sombra, um fantasma doloroso do seu passado.



Suzana Munte

Suzana Munte nos seus belos tempos





A Infanta D. Maria (retrato por António Moro)

curei qualquer inscrição latina que me elucidasse. Na superfície pulida do mármore não se via qualquer vestígio de letras. Seria uma sepultura? Seria um relicário? Seria um banco proveniente de qualquer claustro?

Dirigi-me a um velho sacerdote que passava e perguntei-lhe o que significava aquele cofre.

O padre sorriu e, baixando a cabeça, respondeu, num tom de voz reverente:

— É o túmulo da Infanta, minha senhora.

— Qual infanta? — indaguei curiosamente, já interessadíssima, como sempre, quando se trata de personagens reais.

— A Infanta D. Maria, a filha de El-rei D. Manuel I, o Venturoso — explicou bondosamente o sacerdote, julgando-me (naturalmente por causa

dos meus dezanove anos e do meu casaco, comprado em Londres, de linha fotográfica) uma dessas meninas ultra-modernas que conhecem maravilhosamente todos os escândalos de Hollywood, mas que desconhecem, por completo, a História Pátria.

— O quê?! — pasmei — a princesa, filha de D. Manuel, a Infanta Minerva, naquele pobre cofre de mármore?! Mas eu li, tenho a certeza, que a Infanta D. Maria fora sepultada na igreja do convento da Luz que ela própria fundara...

— A igreja do convento da Luz é esta, minha senhora — retorquiu o padre, com um sorriso.

— Peço desculpa, não sabia. Conheço mal os arredores de Lisboa, e é a primeira vez que entro aqui. Muito obrigada.

E, curvando a cabeça, alastei-me e fui sentar-me num banco, quasi em frente ao túmulo.

Um profundo desencantamento oprimia o meu espírito. Era triste realmente, quasi doloroso, pensar que a excelsa princesa — tão excelsa pelo nascimento como pelo talento (e pelo espírito) — a Musa inspiradora de Camões, aquela que (o poeta o disse) refinia em si a beleza de Vénus, a castidade de Diana, a ciência de Minerva e o orgulho de Juno, enfim, o Lírio da Renascença, cuja formosura e virtude Brantôme, que de perto a conheceu, exaltou nas suas páginas, fora tão esquecida pelos seus contemporâneos e parentes que nem um túmulo condigno lhe haviam erigido.

Dormia ali o último sono, sob uma pobre lage disfarçada por uma tampa de mármore, como se fôsse uma humilde criatura, sem nem sequer ter uma breve inscrição que trouxesse à memória o seu nome ilustre, entre os mais ilustres, das princesas de Portugal.

Era bem diferente a sepultura que eu — que, desde a infância, voltara um culto a essa mulher superior que reunira na sua frente as três coroas

A Infanta D. Maria, segundo um quadro existente no Convento da Encarnação

NÉVOAS DO PASSADO

O túmulo ignorado da Infanta Minerva

Um grande amor que não chegou a florir

apenas consumido pelo fogo sagrado da Arte. A eterna e maravilhosa chama abraçou-o igualmente.

Não devemos ver nela só a erudita, a humanista que escrevia grego e latim com tanta pureza como o cardinal Polus, mas a mulher, a amorosa, a grande amorosa porque ela amou veementemente, apaixonadamente, Francisco de Guise. Na sua existência solitária não deixou de haver a chamada hora de amor e felicidade.

O quê? — dirão — a Infanta também amou?

*Também! Também!
Pode-se lá viver sem ter amado alguém!
Sem sentir dentro d'alma — ah! — podê-la sentir!
Uma saudade em flor a chorar e a rir!*

Amou, sim. De resto é um erro pensar-se que a mulher intelectual, a erudita mesmo, possui o coração estéril ao afecto e a alma insensível ao amor. Na maioria dos casos, a mulher que foge dos prazeres mundanos e vive toda entregue à sua Arte como a uma religião, é, não uma insexuada, mas uma sentimental e mesmo, por vezes, uma amorosa. Simplesmente, ou chora um homem que lhe morreu, ou que lhe fugiu, e corre a refugiar-se no estudo como num claustro, ou decide ficar eternamente esperando, não adormecida como a princesa do bosque, mas curvada sobre os velhos manuscritos, o príncipe encantador visto em sonhos e por quem a sua alma suspira, sem descer a aceitar as homenagens de outros.

Era esse o caso da Infanta. Durante longos anos, ela permaneceu fria, insensível às desvaídas paixões que ia inspirando, indiferente aos preitos dos pobres loucos de amor que a adoravam de joelhos, como a uma divindade, esperando sempre, fielmente, o Desejado...

Mas, um dia, numa tarde ridente de Agosto em que o céu, esplendidamente azul, parecia ter-se revestido das suas mais belas galas, como que para honrar a chegada do principesco visitante, *Ele* entrou no Tejo, numa magnífica galera, seguido da esquadra deslumbrante que Carlos IX da França, desejando prestar homenagem aos reis de Portugal, mandara a Lisboa.

Como desconhecer o entusiástico acolhimento dispensado ao príncipe almirante Francisco de Guise, Grão Prior da Ordem de Malta? Como pintar a brilhantíssima entrada dos franceses na opulenta Lisboa seiscentista? Como fazer reviver a faustosa recepção dada em honra do chefe da missão naval e dos gentis homens do seu séquito, pela rainha D. Catarina de Austria, nos Paços da Ribeira?

Foi lá, nesse esplendido palácio edificado por D. Manuel para simbolizar a

A Infanta D. Maria (retrato por Gregório Lopes, existente no Museu Condé em Chantilly)

sua magnificência e poderio, que *Ele* e *Ela* se viram, sem falarem, pela primeira vez.

Instante inolvidável e decisivo para ambos...

A Infanta não era uma adolescente, um fruto verde, uma dessas primaveras tímidas que Byron detestava. Era uma mulher, um fruto maduro, doirado pelo sol, um opulento verão.

Os poucos retratos que nos restam dela são, excepto o do Prado e o do Museu Condé, obras de artistas inferiores que não souberam *vê-la*. Parece que nem mesmo António Moro, ou Gregório Lopes conseguiram legar-nos a imagem fiel dessa beleza ofuscante. Para retratar a Infanta, para retratar essa semi-deusa que André de Rezende, comparou à Venus de Lucrecio e que Camões, chamou a *toda linda, a mais*

do que humana, seria preciso o pincel de Ticiano. Só *êe*, o grande mestre de Veneza, pintor das formosuras duais da Renascença, saberia fixar para a imortalidade aquele rosto, alvo e rosado como uma camélia, de traços eminentemente aristocráticos; aquela boca, verdadeira flor viva, purpúrina, que era, como a de quasi todas as princesas da Casa de Austria, tão graciosa no sorriso como desdenhosa no desprezo; aqueles cabelos fulvos que coravam a sua olímpica fronte dum diadema de ouro e cobre e aquelas formosas pupilas de turquesa, dum azul límpido como o céu num dia de primavera, ora repletas dessa doçura triste característica dos portugueses, ora plenas de frieza e de orgulho, como a iris desses outros Habsburgos, arquidukes e imperadores, de quem descendia.

As antigas crónicas e os velhos documentos, por vezes tão prolixos, não nos dizem como trajava a Infanta na recepção oferecida, nos Paços da Ribeira, ao príncipe almirante de Guise. De certo, não vestia o traje de veludo negro, simplesmente ornado dum gorgear de fina cambraia encanudada, tal como nos aparece, semelhante a uma viuva, no retrato de António Moro. Não é assim que eu a vejo, nessa tarde de festa, estendendo a mão — a sua linda e aristocrática mão, de dedos afuzelados — ao príncipe francês. Talvez envergasse esse esplendido vestido de brocado branco, púrpura e ouro, de longas mangas perdidas forradas de arminhos, com que nos aparece no retábulo da igreja da Luz. Talvez de



leonor

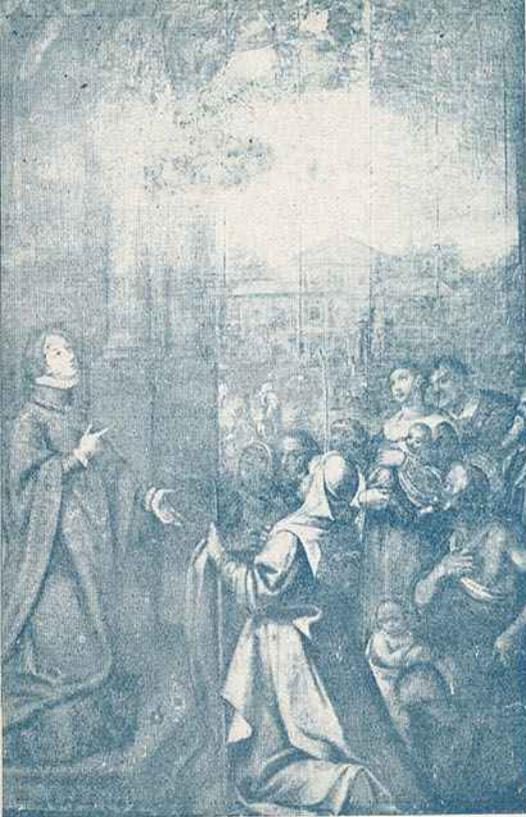


A Infanta D. Maria, segundo um quadro existente no Convento da Encarnação

brocado castanho folha seca, com o magnífico manto caíndo-lhe dos ombros em elegantes pregas, como a vimos, oferecendo o convento à Virgem dos Prazeres, no quadro existente na capela do antigo mosteiro. Talvez vestindo esse sumptuoso trajó bordado, de esbelto justilho, mangas tufadas, decote em quadrado, gargantilha de pedrarias e graciosa coifa de pérolas entrançadas, com que Gregório Lopes a retratou.

A esse respeito os documentos coevos, que tão minuciosamente nos descrevem o seu vestuário quando do torneio em Xabregas, guardam silêncio. Sem dúvida, estava coberta de pedras preciosas, «mais brilhante do que o sol», para nos servirmos da frase de Nicot, o embaixador francês, a seu respeito, como era próprio que ela, a princesa mais rica da Cristandade, se apresentasse em público por ocasiões de festa. Apenas sabemos que ela mal aparentava trinta anos e que se mostrava soberanamente bela como uma Juno que tivesse descido do Olímpo para vir cingir o diadema de princesa de Portugal.

E se *Ela* era a mais formosa das damas presentes, se, com os seus cabelos de ouro fulvo, as suas pupilas cor do céu e do mar e a sua lãz neve de rosas se destacava como uma flor rara, no meio das nobres donas portuguesas, de pele trigueira, olhos negros e tranças azevichadas, em suma, se era uma rainha entre as mulheres, *Ele*, mais belo do que nunca no seu riquíssimo trajó de grande gala — os sumptuosos e requintados vestuários



A infanta D. Maria oferecendo à Virgem o hospício da Luz (Quadro existente no Colégio Militar)

fanta render-lhe as suas homenagens. O contemporâneo Brantôme, curvando-se ao mesmo

tempo reverentemente perante a virtude da filha de D. Manuel, descreve-nos êsse breve idílio, numa página dum dos seus livros *elle eut rompu son noed virginal pour luy, cela s'appelle par mariage, car c'etoit une très sage et vertueuse princesse*) mas não nos diz, nem nos poderia dizer, as palavras, os juramentos e — quem sabe! — os beijos de amor que trocaram...

E, durante perto dum mês, a infeliz princesa que vira primeiro a morte, em seguida a política, depois o vil interesse roubarem-lhe, sucessivamente a estima do pai, a companhia da mãe e a amizade do irmão, e que tôda a vida sonhára com o afecto dum marido e a ternura dum filho — ventura essa de que sempre a duplicidade de D. João III a privara — abandonou-se, radiante de alegria, à doçura de amar e de se sentir amada...

Mas — sempre a desventura a perseguir a Infanta! — Francisco de Guise não era livre para reclamar a sua mão. Apesar de, como nos informa ainda Brantôme, estar *fort pris encapricé d'elle*, êle não podia, à face de Deus nem dos homens, recebê-la por espôsa. A cruz de oito pontas, insígnia da Ordem de Malta, que brilhava nas suas vestes, obrigava-o ao celibato.

Porém, era tão grande a influência que, tanto os reis de Portugal como a poderoso família dos Guises, gosavam na Cúria Romana que, sem dúvida, obteriam do Sumo Pontífice para o Grão Prior, que tão heroicamente se batera pela cruz de Malta, na batalha de Rodas, o desligamento do votos.

Entretanto, passaram-se semanas. De França, os irmãos mais velhos do príncipe almirante, os célebres duque e cardinal de Guise, ordenaram-lhe que partisse para a Escóssia.

Tristemente, Francisco de Guise, dirigiu-se pela última vez ao paço da Infanta. O que se passou, o que se disse nessa derradeira entrevista? Jámais alguém o soube. Apenas se conhece que êle deixou o palácio de Santos decidido a não descansar enquanto não tivesse conseguido a dispensa de Roma, para vir a Portugal desposar a sua Infanta. E, uma tarde, D. Maria viu desaparecer, ao longe, a esquadra magnífica que lhe trouxera o bem-amado. Sôbre o peito, Guise levava a esplêndida cadeia de ouro cravejada de pérolas, rubis e diamantes que a princesa lhe oferecera. Quanto à princesa, levava-a no coração.

Uma vez em França, de regresso da

viagem à Escóssia, o Grão Prior de Malta comunicou aos irmãos a resolução que tomara de desposar a filha de D. Manuel I, de Portugal, e pediu-lhes que intercedessem a seu favor junto do papa.

Não podia lisongear mais a vaidade dos orgulhosos senhores de Guise, que já, anteriormente, haviam dado sua irmã e sua sobrinha por espôsas, aos reis da Escóssia e de França, do que uma aliança com uma princesa de sangue real e prometeram-lhe empregar todo o seu crédito para lhe obterem a dispensa de Roma.

Mas, estava escrito que nunca os melros ducaís de Guise se uniriam às quinas reais de Portugal, nas armas da Infanta D. Maria.

Passou-se tempo. Um dia, chegou a Lisboa uma tristíssima nova que amortalhou em eterno luto a alma da infeliz amorosa. O almirante Francisco de Guise, Grão Prior da Ordem de Malta, caíra para sempre, num charco de sangue, sob o punhal do capitão de galeras, Castellan.

O tempo embota geralmente o espinho das saúdaes mais dolorosas, mas há êntes aquém o decorrer dos anos não cicatriza as feridas, e a Infanta era um dêsses sêres. A chaga que a morte do noivo abriu na sua alma jámais logrou o tempo fechá-la. Tôda a sua vida, até morrer, nem um único instante deixou de, como autêntica viúva espiritual que era, recordar com infinita amargura e saudade, o bem-amado que, numa manhã de sol, desaparecera ao longe, na sua esquadra, entre o duplo azul do céu e das águas, levando o seu nome nos lábios...

Nada mais belo, mais nobre, mais edificante, do que os seus últimos anos.

Dedicou-se completamente a Deus e aos desherdados da sorte. Foi a fada benfazeja, o anjo consolador daqueles que não tinham conhecido a ternura de mãe, os afagos de irmã e as carícias de filha e aquém a desgraça ferira, renunciando para sempre o seu ideal do casamento.

— "Nem que fôsse com um rei senhor da Terra inteira!", — dizia sempre, repetindo a resposta que, anos antes, enviara a Filipe II, de Espanha, quando êste a requestara para espôsa, sempre que alguém aventava qualquer projecto matrimonial a seu respeito.

Já não tinha coração para amar. O seu coração estava morto, morto da mesma punhalada que roubara a vida ao nobre Guise e achava-se sepultado lá longe, muito longe, em França no túmulo onde o belo príncipe almirante dormia o último sôno.

EUNICE PAULA

dos príncipes da côrte dos Valois — que envergava com essa altiva e marcial elegância de que os Guises possuíam o segrêdo, a todos os presentes, portugueses e franceses, eclipsava, e aparecia, realmente, como um rei entre os vassallos, em tudo digno da Infanta.

Um artista, por muito exigente que fôsse, não poderia sonhar um par mais admirável. Tinham fatalmente que se amar. Eram ambos demasiado belos para, tendo-se encontrado, se afastarem indiferentes.

Desabrochou entre os dois um terno idílio. Todos os dias o príncipe de Guise ia ao palácio da residência da In-



Lisboa do Século XVI (Iluminação da época)

A VIDA DE HENRY FORD



Henry Ford e sua esposa

HENRY FORD, o homem que já construiu para cima de 25 milhões de automóveis, levanta-se invariavelmente às 7 horas da manhã, e o dia começa para ele por um pequeno passeio ao volante. — "É este exercício diário que me conserva em forma", diz ele. Em seguida lêem-lhe os jornais e a correspondência. No próximo verão completa 75 anos de idade e desde há muitos que os seus hábitos e divisão de trabalho são sempre os mesmos. Se alguém lhe sugere a ideia de se retirar dos negócios, responde rindo: "Só sei retirar-me dos negócios à noite, cedinho, quando me meto na cama, para recomeçar no dia seguinte".

O seu único dia de descanso e recreio é o dia do seu aniversário natalício no qual nem se acerca de escritórios, laboratórios ou oficinas. Esse dia é passado a bordo do seu hiate, para onde leva cinquenta convidados, e parte em digressão pelo rio de Detroit acima. Também nesse dia costuma enviar para a imprensa periódica um comunicado ou manifesto em que, entre outras máximas filosóficas e primárias, afirma que na vida nada há de mais belo do que o trabalho.

A filosofia de Ford tem a mesma simplicidade dos seus carros. Segundo ele afirma, os pensamentos complicados e tudo, quanto não se possa expressar com clareza em poucas palavras, são pensamentos falsos ou pelo menos perigosos. A sua mentalidade singela aproxima-se da mentalidade de um bom camponês; a confiança em si próprio é absoluta e quem não pensar como ele, é que está em erro. Os jornais publicam facilmente toda a literatura fordiana, paga a peso de ouro. Uma vez na semana lava a cabeça com um preparado da sua própria autoria, que tem em grande conta, porque atribue às virtudes do seu invento a bela cabeleira de que dispõe na sua avançada idade.

A sua fábrica de automóveis constitui a sua única preocupação e as suas oficinas absorvem todo o seu tempo e trabalho, e se, por acaso, lhe sobejam uns instantes de repouso entrega-se com paixão a coligir antiguidades, principalmente americanas; avêso a todos os modernismos, este homem paradoxal interessa-se por todas as novidades científicas.

Ainda hoje dança com entusiasmo e

alegria mas as suas danças predilectas são as do século passado: a valsa, a polca, a mazurca e as quadrilhas e, original tirano, exige que operários e empregados compartilhem dos seus gostos, no que respeita à arte de Terpsicore. No momento actual todos os seus esforços convergem para um ponto único: criar um telefone sem fios a aplicar em todos os seus carros, de forma que os automobilistas possam todos, no trajecto, conservar-se em constante comunicação mútua.

À noite tem lugar o seu jantar sempre na companhia de Mrs. Ford. É de uma grande simplicidade, mesmo quando convidada os seus empregados superiores e nunca se consomem quaisquer bebidas alcoólicas.

A sua grande paixão são os seus negócios nos quais concentra (e desde muito novo) todas as suas melhores atenções e esforços. As suas oficinas dão trabalho a 130.000 operários sem contar agentes, vendedores e uma multidão de outros empregados de variadas categorias espalhados pelas cinco partes do mundo, sobre os quais ele manda como um antigo senhor feudal.

Ford vive na sua fábrica e só para ela; o seu único interesse na vida é produzir muitos automóveis, que se encarregam de espalhar o seu nome e fama pelo mundo fora.

Não é, contudo, nem a ambição de dinheiro ou de fama que o move; há nele uma força interior e inconsciente, que é o estímulo que o leva a fabricar automóveis até à morte.

Todos os dias, ao fim da tarde, telefona à esposa para lhe comunicar que estará em casa pontualmente à hora da refeição; durante os 49 anos de vida conjugal nunca chegou a casa cinco minutos depois da hora convenionada.

Os seus serões são passados invariavelmente em família; em toda a sua vida conta apenas duas doenças: a escaflatina em muito novo e uma operação a que se submeteu não há muito, em consequência de uma afecção intestinal.

Viaja pouco e nos últimos dez anos apenas uma vez foi até Nova York. Da Europa conhece pouco ou nada; passou, de uma vez, uns curtos dias em Paris, durante a Grande Guerra, com uma missão que havia de trazer a paz ao mundo, segundo era sua convicção, e a respeito dos europeus é sua opinião de que quanto mais longe deles tanto melhor, afim de não ser facilmente enganado.

A Europa é constituída por um grupo de países ainda por civilizar, imersos num estado de meia barbarie dos quais a América nada tem a esperar de bom.

Só Ford conhece ao certo o montante da sua fortuna porque todas as acções da sua indústria estão em poder dele e do filho. Traz sempre pouco dinheiro no bolso e às vezes vê-se na contingência de pedir meio dólar emprestado a qualquer chauffeur.

Atribue a crise mundial ao espírito ganancioso e às ardilosas burlas dos banqueiros novaiorquinos; as suas ideias a respeito de finanças e economia política são perfeitamente primitivas e não compreende a razão porque todos os homens não são tão bem sucedidos nos seus empreendimentos como ele foi.

O automóvel constitui a base fundamental do bom resultado de todos os negócios. Que se construam pistas e estradas para serviço do automóvel e ver-se-à o desenvolvimento de grandes operações comerciais; as grandes cidades estão condenadas a perder a sua superioridade, o futuro pertence às pequenas cidades ligadas por redes automóveis.

Assim pensa este homem de génio — um primário no fundo. Ao contrário de muitos multimilionários americanos, Ford não pretende perpetuar o seu nome por meio de grandes obras de filantropia; a grande obra que constitui o seu orgulho é a sua fábrica de automóveis, que produz trabalho para alguns milhares de entes humanos.

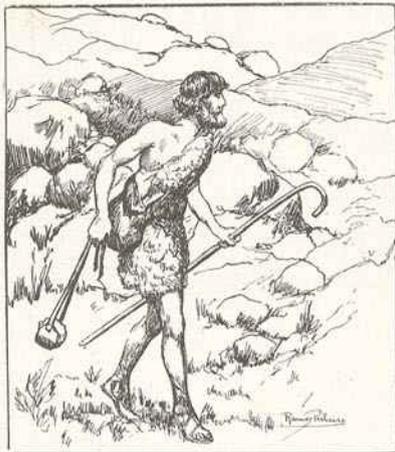
A esposa e o filho Edsel, que conta 47 anos de idade, são os seus únicos amigos íntimos; para lá das chaminés das suas oficinas há um mundo desconhecido, que lhe é indiferente.

Sêco, duro, autoritário, o rei dos automóveis, pertence àquela categoria de figuras lendárias, que a América moderna nos oferece.

ADOLFO BENARUS.



Henry Ford e seu filho Edsel



Viriato Águia e lobo, à vossa guarda fica esta Cava ilustre, primeira Cava de Viriato, onde os nossos ancestrais dividiram convívio a Augusta presa e convívio beberam sangue romano, corrente à beira das fontes, mergulhada até aos peitos na avermelhada linfa da vitória — regorgitando, estridulando e cantante, entre rugidos e uivos — hirsutos e nús.

No fundo do covil repousa ainda, como um leito de maternidade, o brônzeo escudo do último legionário que tombou.

A águia lusitana arrebatou, voando, o estandarte de Serviliano! No alto destas penhas êle se arvora ainda; esfarrapado e sombrio, eu o vi flutuar nos altos céus...

Salvé, lobo da Estrêla! Salvé, águia de Portugal! Deus vos salve, irmãos!

A nossa infantaria avança numa carga...

Corremos pelo Covão da Nave Descida. À direita, a Lagoa das Favas, a Lagoa Sêca e a Lagoa Redonda...

E sempre, a marcha forçada, alcançamos a Fonte do Canariz.

Entramos no Covão Atravessado... Depois é Malhadais de Cavallo. E Caçaril (1414 metros).

À esquerda, Covões do Forno. Para sul corre a levada que vem da Lagoa Comprida.

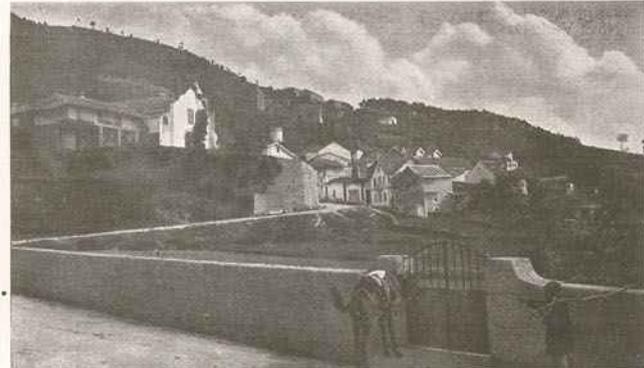
Covões do Curral... O sol vai-se apagando. Afrouxamos o passo.

E, já silenciosos, palmilhamos o vale, interminável...

A Lapa Ladra! Um pastorzinho estanca com o gado. E mal ergue para nós seus olhos. Bazílio — que é um enamorado — lamenta não encontrar antes um zagal lírico, cantando; êste é austero, concentrado, com um vinco de amargura na testa ampla, campeira. Quasi em vão o interrogamos. E só declára: — "Sou lá de baixo, senhores. Amanhã, em tendo

No acampamento, foi o jantar abundante como um festim de triunfo. Cozinhado de Martinho, o pastor. Regalado menú: sopa de macarrão, cozido, grandes nacos de presunto, paio, galinha, chibbo assado, queijo do Sabuqueiro, pão de trigo e vinho do Dão. E, em honra da Serra, vivas clamam alegria na hustrura dos montes. Só estão melancólicos os burrinhos; só ao seu olhar, velado, não o animam as jubilosas visões que uma boa pinga levanta. Um frenesi de acção nos sacode. Joga-se um improvisado futebol, saltam-se precipícios...

E há danças de roda e canções! Mas passaremos ainda ali a noite? São cinco da tarde... A S. Romão! A S. Romão! Águia que passas, aqui te deixamos a merenda! Lobo, que estás ouvindo, até ao ano! até ao ano! E não te humanizes como as feras da Terra-Chã! Fiquem as tuas garras marcando crueza sem hipocrisia; os teus olhos fuzilantes a carnagem sem ódio; e as tuas fauces a voracidade sem gula!



VIAGENS NA

Das alturas, onde pairam

a broa e o conduto, passo para a Lapa dos Dinheiros...

— Mas onde é a Lapa dos Dinheiros? Aponta-nos para o poente...

Já não é o solo abrupto; foi-se a Serra Brava. Ondulações sucessivas se descobrem; amplos vales, regatos, fontes.

Subimos. Avista-se a Coitada Rasa (1388 metros) coroada ainda de sol.

A broa declive. Ficam à direita o Cabeço de Santo Estevão; perto a ribeira de Alva; à esquerda, a Portela de S. Bento, e, sempre alegre e apressada, a levada da Eléctrica.

Subimos ainda, Martinho, o bom guia, pára e tira o seu chapirão, com magestade serrana:

— Viva a minha terra!
— E queere que vejamos, e vejamos bem...

Lá está o Sabugeiro, ao fundo, com a sua casaria junta, com o seu mórro sobranceiro, o seu fértil vale, a sua população laboriosa. Lá está decerto sua mulher, aprontando a ceia, e os filhos que voltam da Várzea. Não os avista no longínquo da distância, mas vê-os à mesma, vê-os sempre, porque os traz nos olhos e no coração.

O bom Martinho tem setenta anos. Quem haveria de dizê-lo, contemplando-o na Serra, no infatigável ardor de caminheiro? Mas Martinho é velho... Comovo-me, como se fosse uma desgraça, que súbitamente abatesse sobre o herói, constatar a sua idade pelos seus cabelos brancos.

Quanto tempo viverás mais, quantas manhãs hão-de romper para o teu amor terrestre, no humilde lar, onde teu pai e teus avós — tantos e tantos! — se sucederam em doce patriarcado? Como êstes dias que nos deste te são roubados!

— Quantas vezes passei aqui!
E parece que vai chorar... Mas, de repente, volta-se para nós, e aponta: — Pinhaços, Santa Comba...

O bom guia!

Na margem esquerda do Alva, Pedras do Ouro. Para sueste, para lá do Crasto, avista-se a igreja de Valezim.

Dêsde a Portela que vimos sempre descendo.

Vamos já no Chão das Eiras. É noite fechada. A descida é íngreme. Mas Martinho vai à frente: os caminhos conhecem-no; fala-lhes, fala-nos, e tudo à sua voz toma equilíbrio; algumas pedras resvalam, mas é um auxílio — levam-nos mais depressa. Não tropeçamos; seguros, vamos rolando.

Desembocamos na ponte da Senhora do Destêro.

Bazílio, há duas horas, conta-me uma interminável história — a do coração humano. Eu não o ouço já, mas sei tudo... É sempre a mesma!

Sentámo-nos. Nas trevas os focos da Eléctrica pontuam um

S. Romão

NOSSA TERRA

as águias, à Terra Chã

desafio de energia à inércia da sombra que afoga o rio, à paralisada mudez da montanha.

À luz do sol, esta paisagem será bela. Estamos a 790 metros de altitude. Grandes árvores se entevêem, à luz fugidia da Ermida. A claridade das estrêlas deixa adivinhar pinhais e carvalhos, dominando nos cêrros. O Alva, represado, marulha sob os três arcos da ponte.

As águas do Covão do Urso, dos Barros-Vermelhos, das Penhas e do Vale do Conde, vieram juntar-se as da Ferveença, do Pôrto Cabrito e Vale de Perdiz. Juntar-se-hão ainda as do Mósco, as do Loriga, do Alvôco, de Pomares, as de Bemfeita, e logo, já poderoso de tantos tributários, novo-rico que a fortuna desvaíra, arrogantemente irá lançar-se pelo vale, mal ouvindo os queixumes da terra sequiosa, esquivando, incerto e vário, ora ocultando-se sob o solo, ora espumando, orgulhoso, bravo e veloz, precipitando-se até cair na Raiva — vencida enfim pela mansidão do Mondego a sua investida furiosa de torrente.

O homem também corrige, e ao rio lança a sua contribuição directa, desviando-o do seu egoísmo — fazendo-o trabalhar nas fábricas, gemendo nas turbinas, transformando a sua energia nos dinamos, aproveitando o potencial nos motores. E, findo o seu labor de prisioneiro, só o solta para redimir campos maninhos, regar cearas, hortas, jardins, voltando ao seu leito depois de ter produzido o assombro: a exaltação da força, a esplendidez da luz, o milagre da germinação — as magnéticas maravilhas da estrêla e da flôr.

Subindo a encosta, lembra-nos António da Silva Gaio e o bom vigário do seu enternecido romance. Fica perto o presbitério. E, entre evocações do passado, com êles Júlio Diniz nos acompanha... Fresca e sanguínea, a maravilhosa inteiramente desabrocha, ao primeiro raio do sol. Alta e forte, o chapêu assentando na cabeça como um vivo troféu, todo o seu corpo se molda no vestido.

Vai-a modelando o alvorecer: o seu busto frême em branda ondulação, o seu patricio perfil de desenha. E é toda ela um ritmo...

— E a trágica Serra foi-se; a bucólica principia. O luar nasce, e inunda agora tudo — montes, vales, planície.

É suave a estrada. Ao lado dos casais, os milheirais e os pomares...

À entrada de S. Romão, as fábricas iluminadas; mas os teares descançam — estão paralisadas as grandes rodas, onde a corrente cachôa.

Acampamos no Monte Calvário. O povoado surge no encantamento. E, porque partiremos antes de raiar da aurora, ficará para nós na fluidez da neblina, na meia visão do sonho, luar corporisado, floração indistinta da terra — incerta a casa e a árvore, tudo procurando forma, e diluindo-se na incoercível vaga do mistério...

Estendido sobre as moitas, fecham-se-me os olhos, dormentes.

Um trecho de S. Romão

Um trecho de S. Romão

Enfim a fadiga a todos vence. E do sono reparador só resurgimos, quando as últimas estrêlas se apagam...

Atravessamos S. Romão, silenciosamente. Um galo canta. Junto ao hotel o caminhão espera.

Martinho abraça-nos a todos. E que o não esqueçamos!

Na meia tinta crepuscular ainda o vênus, acenando com o seu lenço, enternecido.

E Manuel da Ereia, olhando-o, scéptico, vai alagando o seu burrinho filosoficamente...

O magnífico auto, num abalo rápido, arrancara pesadamente...

Sobre o seu férreo dorso, o vasto salão — com os seus assentos em volta, bancadas paralelas de cómodo recôsto, estôfos de couro vermelho, estores amarelos, vidraçaria de cristal — dá conforto, repousa.

Um estremecimento quasi humano, de quem se alegre de partir, sacode a carroçaria resistente e elástica.

Na penumbra, vultos mal definidos... Pouco a pouco se vão revelando, lentamente emergindo da sombra. Espiar a sua aparição é um esquisito diletantismo de médium: dir-se-ia que a nossa vontade entra no esfôrço criador...

Uma aparição de mulher!

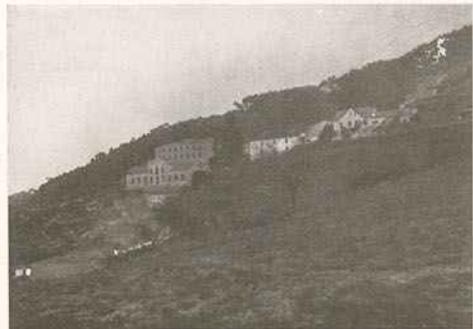
Busto cingido por um amplo manto que descai, o peito aconchegado e farto, e, no agasalho do regaço, a mão direita em abandono.

Um balanço do carro inclina-a; vejo-a melhor: os olhos belos, a garganta branca e nua.

Vai-a modelando o alvorecer: o seu busto frême em branda ondulação, o seu patricio perfil de desenha. E é toda ela um ritmo...

Fresca e sanguínea, a maravilhosa inteiramente desabrocha, ao primeiro raio do sol. Alta e forte, o chapêu assentando na cabeça como um vivo troféu, todo o seu corpo se molda no vestido.

Um dos algaris da Empresa Hidro Eléctrica



E como o vestido é ligeiro, sob a palpitação da carne!

A seu lado, um homem grave dormita, e em sua frente, um moço sorri...

O neveiro, pouco denso, espiritualiza a paisagem. Deslizam tênues grisalhos, em que arbustos velam e relvas dormem na tepidez da leiva cismadora.

Depois, raios de sol rasgam a bruma que se esgarça — espuma e fumo — pelos arvoredos, rolando na paisagem viçosa e bravia. Por fim o azul triunfa, e tudo resplandece.

Mas onde vira eu aquela admirável mulher?

Sulamita e Salammbô perpassam no fundo da minha angústia...

Súbito, clareia minha memória. Estefânia Malafaia, a fidalga de Santa Maria das Águas, formidável e doce, surge na morna lassidão matutina!

Um perfume voluptuoso se evola na atmosfera vibrante.

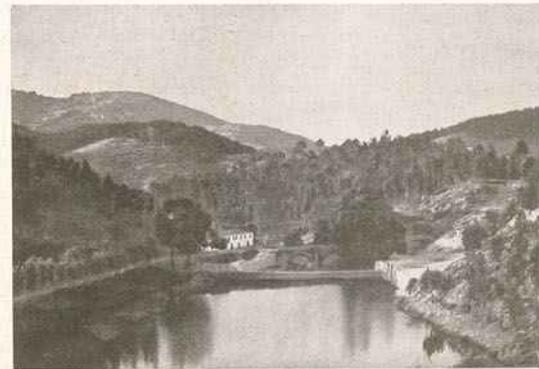
A macieza da sua pele... E procuro, na côr da seda do seu vestido, a subtil nuance do pecado!

Um laudado quente sopra do sul...

O condutor clama o nome de uma aldeia. Estefânia ergue-se, desce. No maquedame o homem grave toma-lhe o braço. Segue-os Aquilino, o moço...

E a sírène grita alto o orgulho da máquina potente!

LOPES D'OLIVEIRA.





Gabriel D'Annunzio

MORREU Gabriel D'Annunzio, o genial criador de tantas obras belas. Não pretendemos traçar-lhe aqui o perfil biográfico que todo o mundo conhece, nem enumerar-lhe os livros que escreveu, e que toda a humanidade decorou.

Limitamo-nos a citar uma bizarra acusação feita há dias contra o excelso escritor, e que teria feito sorrir o acusado.

Charles Chassé, após demoradas locubrações, chegou à conclusão de que o genial poeta fora o principal responsável pelo roubo da "Gioconda", cometido em 21 de Agosto de 1911 — uma segunda-feira — dia em que o Museu estava fechado aos visitantes.

O acusador baseia-se na obra de D'Annunzio, "Per l'Italia degli Italiani", na qual o escritor declara:

"Pretendem os franceses conhecer o sorriso italiano só pelo facto de conservarem no Louvre o sorriso da "Gioconda" — essa "Gioconda" que eu lhes restituí por saciedade e enfado, como muita gente sabe sem se aprofundar ao assunto."

No "Retrato de Loyse Baccaris", diz: "Lembro-me de que quando o sublime ladrão da "Gioconda", levou para o meu retiro do Lande (casa de Arcachon em que o poeta residiu algum tempo) o quadro envolto numa manta de cavaliária, comeci a detestar as mãos preguiçosas de Monna Lisa, constringido como estava a tê-las diante dos olhos durante dias inteiros..."



E o tão implacável quão engenhoso acusador cita outra "peça de convicção" colhida na confidência feita por D'Annunzio a Jean Gabriel Lemoine, no "Echo de Paris", seis meses depois da restituição do quadro ao Louvre:

— "Porque não admitir que um homem, um poeta, um artista possa perder a cabeça por uma morta? Não é uma novela; é a vida. É possível que um homem se enamore por um retrato. Conheço, por exemplo, um indivíduo que se enamorou da Gioconda, não da actual mulher feia que perdeu as suas cores, mas da que foi Monna Lisa. Esse homem foi quem mandou roubar o quadro. Um dia, ainda lhe hei-de contar a história do "Homem que roubou a Gioconda".

Já agora, vem a propósito lembrar alguns factos curiosos:

Em 1910, era administrador do Museu do Louvre mr. Homolle, homem culto, mas tão negligente que colocava em grave risco as preciosidades confiadas à sua guarda. Nessa mesma época superintendia nas Belas Artes mr. Dujardin-Meumetz, que teve a desastrada ideia de mandar cobrir de vidro algumas das telas mais preciosas do referido Museu. Embora a intenção fôsse boa, pois visava proteger a conservação dos quadros, estes, envidraçados, tornavam-se quasi invisíveis, sendo fácil, portanto, a substituição por cópias.

Nesta altura, Paul Gsell, redactor do "Cri", protestou contra a contraproducente medida, e fez correr o boato de que a "Gioconda" havia sido roubada, tendo sido substituída por uma cópia.

A falsa noticia correu célere, alarmando a opinião pública, mas mr. Homolle, sempre indolente e despreocupado, limitou-se a responder aquém o interrogava sobre os fundamentos da noticia: — "Fantasias de jornalista: Seria mais fácil roubar as torres da Notre Dame do que a "Gioconda"..."

Um ano depois, o quadro era roubado sem que o ladrão se desse ao trabalho de deixar, ao menos, uma cópia a disfarçar o roubo.

Em Dezembro de 1913, quando não restava já a mais leve esperança de encontrar o quadro, tudo levando a crer que o ladrão, na impossibilidade de o vender, o tivesse destruído, chegava a Paris a noticia de ter sido encontrado em Florença a malparada Gioconda.

O larápio, um tal Vicenzo Perugia, ao ser preso, declarou ter feito aquele roubo por patriotismo. Em sua opinião, a "Gioconda" devia ser restituída à Itália, visto ter sido levada para a França quando das invasões napoleónicas!

Pobre Perugia! Em matéria histórica estava tão adiantado como alguns historiadores que conhecemos... Que Napoleão fôsse capaz de levar a "Gioconda", se a apanhasse a jeito, não duvidamos. Isso faria com todo o gosto, menos pagá-la por bom dinheiro como Francisco I fez.

A acusação feita agora a Gabriel D'Annunzio não tem a menor consistência. Se o autor da "Nave", tivesse orientado o roubo do quadro, ou

O HOMEM QUE ROUBOU A «GIOCONDA» A PROPÓSITO DA MORTE DE GABRIEL D'ANNUNZIO

ficava com êle ou engendraria um processo de restituição até então nunca visto.

Com um tal orientador, o Perugia não teria ido oferecer o quadro roubado ao antiquário Geri, aceitando o que este lhe quizesse dar.

O inquerito a que se procedeu veio revelar ser o ladrão um dos quatro operários encarregados de colocar vidros sobre as telas do Louvre. Aproveitando a falta de vigilância, decidiu roubar a "Gioconda", e, se bem o pensou, melhor o fez. Ocultou o roubo debaixo da sua longa blusa de operário, e saiu do Museu com a maior paz de espirito. Meteu depois o quadro numa mala de fundo falso e transpôs a fronteira, convencido de que havia conquistado a sua independência.

É possível que D'Annunzio tivesse visto a "Gioconda", depois de ter sido raptada, mas não quiz entendimentos com o ladrão. Se este tivesse encontrado bom acolhimento no poeta, não pretenderia impingir o roubo ao antiquário florentino que o mandou prender.

Recordamo-nos até da arrelia que D'Annunzio manifestou ao saber do aparecimento do quadro nas mãos dum gatuno vulgar, já useiro e vezeiro em se apoderar do alheio. Os jornais aludiram, nessa altura, ao contratempo sofrido pelo

grande escritor que tinha anunciado já um pomposo trabalho que seria intitulado o "Homem que roubou a "Gioconda".

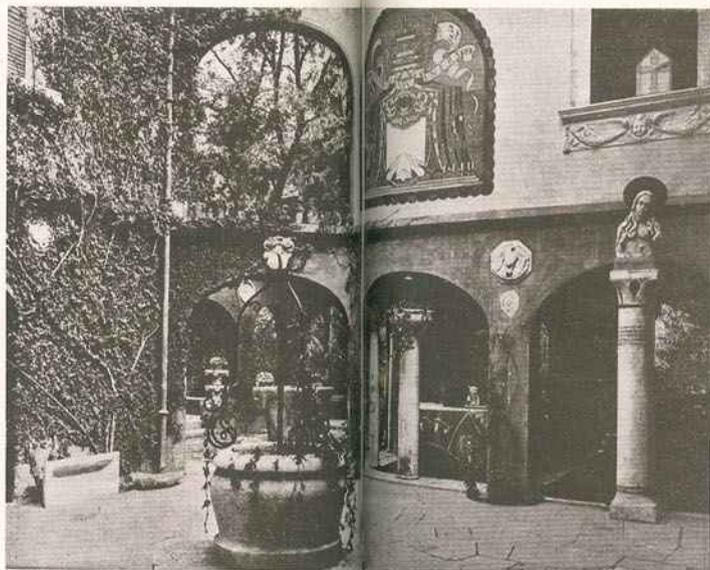
Essa personagem seria içada às culminâncias do sublime, uma espécie de Arsène Lupin arvorado em arcanjo que, tendo entrado no Museu do Louvre, como S. Miguel no Purgatório, arrebatou dali a alma eleita para o Paraíso florentino.

O poeta andava urdindo com tantos desvelos a figura do ratoneiro que não teve a menor dúvida em se meter dentro dêle, e atribuir-lhe concepções grandiosas.

"Porque não admitir que um poeta, um artista possa perder a cabeça por uma morta? — perguntava êle com a maior das convicções.

Afinal, quando menos esperava, o tal ladrão sublime, sai-lhe um patife vulgar que se abalançava a uma tal aventura com o fim único de arranjar alguns centos de liras que, a seu vêr, valeriam mais em sonância que a lira portentosa dos "Laudi".

E' claro que, para dar um certo realce ao feito, declarou à policia ser sua intenção restituír à Itália a "Gioconda", roubada por Napoleão numa das suas



Pátio da casa de Gardone onde D'Annunzio acabou de falecer

invasões... Segundo o seu critério de "ladrão que rouba a ladrão..." a policia não teria que levar a mal. Já que não o condecoravam, ao menos não o encarcerassem.

De nada lhe valeu a atenuante, pois foi condenado em um ano de prisão.

Vejamos agora como surgiu a "Gioconda".

Estava-se no ano de 1500. Leonardo de Vinci acabara de instalar o seu atelier em Florença quando deu pela formosa Monna Lisa, mulher do fidalgo florentino Francisco Zenobi do Giocondo. Apesar dos seus cinqüenta anos já feitos, o artista sentiu-se tão enamorado como nos belos tempos da sua mocidade.

Era encantadora a Monna Lisa, e encontrava-se em plena pujança dos seus vinte e nove anos!

Após várias e bem encaminhadas diligências que duraram alguns meses, conseguiu o cubicado modelo apparecer no seu atelier, dando logo Leonardo começo à sua obra.

Mas era tal o empenho que o artista acalentava em ter junto de si a deliciosa Gioconda que levou quatro anos a pintar-lhe o retrato. Para que o modelo não se aborresse, Vinci organizava concertos musicais, contratando tangedores de viola e alaúde, e facultava-lhe tôdas as diversões ao seu alcance.

E, conquanto o próprio pintor pretendesse justificar o seu acto, deixando escrita a declaração de que "quisera lutar com a vida e dar a luz dum criatura dotada de todos os sentidos", o fim em vista era outro, muito outro...

Acresce que, nesse tempo, sendo habitual a colaboração de discipulos nas obras dos mestres, ninguém senão Vinci locou na preciosa tela. Ora, tendo o artista excelso uma extraordinária tendência para as matemáticas que lhe absorviam todo o tempo, só um grande interesse o levariam a consagrar tantas horas ao seu modelo.

Chegavam-lhe a todo o momento encomendas das mais altas personalidades, mas o pintor deixava-as sem resposta, tão enlevado andava na sua Gioconda.

Quatro anos durou este sonho... Aquêl sorriso misterioso de Monna Lisa tem perturbado uma multidão de poetas e sonhadores de há quatro séculos para cá.

E daí — quem sabe? — talvez que "esse sorriso divino" seja apenas o sorriso inconsciente duma mulher ouvindo os tangedores de viola e alaúde, contratados pelo pintor.

O interesse de Leonardo de Vinci pela sua obra prima cessou no dia em que o modelo se foi para não voltar. O quadro passou a ter um preço como qualquer outro.

Quando Francisco I chamou o artista a França, comprou-lhe a Gioconda por 4 mil escudos de ouro, e mandou collocá-la em Fontainebleau.

Um século depois começaram a notar-se os primeiros estragos no verniz do vestido, e na linhas das sobranceiras. Más tintas escolhera o mestre! O vestido verde de mangas



A "Gioconda", de Leonardo de Vinci

amarelas começava a perder a frescura, a paisagem azulada do fundo não tinha já a sua delicadeza primitiva.

Ainda assim, a "Gioconda", continuava a ser um quadro precioso que mereceu as atenções de Luiz XIV, a ponto de a trasladar para Versalhes. Só depois da Revolução é que foi collocada no Louvre onde ainda se encontra e encontrará até apparecer outro amador de preciosidades a convidá-la para um grande passeio até além dos Alpes.

Gabriel D'Annunzio morreu sentado à sua banca de trabalho a produzir págnas imortais. A sua morte constituiu, como êle próprio profetizava, o seu mais belo triunfo. O genial poeta morreu como um general no campo de batalha.



Gabriel D'Annunzio



Madame Chang Kai-Chek

O astuto chinês era, no seu país, um agente dos Estados Unidos. Não se lhe teve isso a mal, pois, graças a êle, é que todos viram, em 1914, a América combater ao lado da China.

Do seu casamento teve três filhas que receberam os nomes simbólicos de suas avós: Ai-Ling — "idade feliz"; Ching-Ling — "idade ilustre"; Mai-Ling — "idade agradável".

Estas três graças constituíram a "idade de ouro" da família Soong.

Neste momento, é a Mai-Ling que nos interessa.

Orientado pela civilização americana, o pai Soong teve a ideia de enviar a pequena Mai-Ling à Universidade de Boston, afim de a iniciar nos métodos intellectuais do Ocidente.

A chinesinha appareceu na grande cidade norte-americana, aprendeu com a maior facilidade o inglês, o francês, o alemão, e — coisa curiosa! — abraçou com entusiasmo a doutrina protestante.

Regressando à China, incorporada numa equipa feminina de hockey, despertou a atenção de Chang-Kai-Chek que estava longe de ser o generalíssimo cheio de prestígio da hora presente.

Quando o pai Soong lho indicou para marido, a caprichosa Mai-Ling replicou:

— Ora! veste-se muito mal!

— E que tem isso? — redarguiu o pai.

— Para que vem ao caso o vestir bem ou vestir mal? Sempre te prendes com cada ninharia! Pode um homem usar um fato mal talhado, e ser um excelente marido. Chang-Kai-Chek deve reunir óptimas qualidades. É este o marido que te convém.

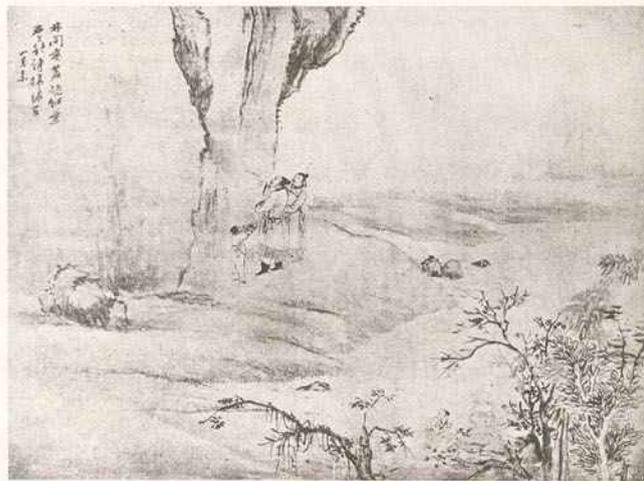
— Não, meu pai. Para mim não o quero.

— Mas êle gosta de ti.

— Êle disse-lho? — perguntou Mai-Ling já com um certo interesse.

— Deu-mo a entender, e então com uma eloquência que traduzia bem o que lhe ia na alma.

— Eu vou pensar, meu pai — respon-



A China de outras eras

NO EXTREMO ORIENTE A ESPÓSA DE CHANG-KAI-CHEK

é a maior animadora da luta contra os japoneses

deu Mai-Ling — depois lhe direi o que resolvi.

Três dias decorridos, Mai-Ling transmitia a seu pai a deliberação que tomara:

— Casarei com Chang-Kai-Chek, mas com a condição de ser eu quem se encarregue, com plenos poderes, da sua maneira de trajar.

Casaram. O general Chang-Kai-Chek passou a ser um verdadeiro árbitro de elegâncias. Não tardou que os mais acreditados alfaiates de Xangai se oferecessem com o maior empenho para vestir êsse official tão elegante como brioso que passaria a ser o seu melhor réclamo.

Nada conseguiram, porém, visto a senhora Chang-Kai-Chek não estar na disposição de abdicar dos seus direitos. Aos alfaiates que a importunavam, respondia inexoravelmente:

— A única pessoa que tem voz activa neste assunto sou eu. Tomei a meu cargo a indumentária de meu marido, e não me parece que êle se tenha dado mal.

E, como isto, tudo o mais.

Inteligente, culta e ponderada, conseguiu introduzir na China o "espírito dos brancos", que os preconceitos chineses tanto condenavam.

Não é segredo também que Mai-Ling é que "tem feito o seu marido". Isto nada deprime o famoso general, antes pelo contrário. Todos ou quasi todos os maridos, se pensarem bem, reconhecerão que a

grande razão dos seus triunfos consiste na acção das respectivas espósas. Mas nunca êste fenómeno se manifestou tão amplamente como no presente caso.

Chang-Kai-Chek confia à espósa o cuidado de sugerir ideias, e, conseqüentemente, preparar tôdas as transformações sociais que o momento exige. Nenhum assunto é tratado, nenhum decreto é promulgado sem o visto moral de Mai-Ling que não recia dar o flanco à crítica, por vezes mordaz e até insultuosa.

— Uma intriguista! — dizem — Uma dessas mulheres sempre sedentas de ambição, e que, com os seus caprichos, pode fazer naufragar a barca do Estado.

Mai-Ling fica indiferente a estes re-moques. Iniciando-se nos segredos da aviação, tomou a seu cargo a direcção da comissão das forças aéreas da China, transformando, com uma tenacidade prodigiosa, um corpo desorganizado numa eficaz força guerreira. No quartel geral é ela quem dirige a acção dos aviões. Com o conselho de peritos estrangeiros e de generais chineses, organiza a estratégia da aviação. É ela quem dita a última palavra acerca de tôdas as questões



Notada chinês de outras eras

de aquisição e substituição de equipas e direcção do pessoal. Grande parte da tarefa que leva a cabo desde tão alto pósto deveria ser desempenhada no seu escritório. Mas a senhora Chang-Kai-Chek, é alguma coisa mais que uma "generala de escritório"! Quasi sempre que as esquadilhas chinesas levantam vôo para atacar as posições japonesas, é a senhora Chang-Kai-Chek quem vai



Chang-Kai-Chek e sua esposa sob a protecção do Dragão Chinês

assistir à partida e animar os aviadores. De dia ou de noite a encontrarão no campo de aviação para saudar o regresso dos pilotos e ouvir a informação dos seus *raids*.

Após cada um dos ataques aéreos realizados pelos japoneses em Nanquim, é a espósa do generalíssimo, a primeira pessoa a comparecer no local a inspecionar os destroços causados. Minutos depois, logo que as sereias anunciam o afastamento dos aviões inimigos, lá segue ela o seu rumo, a fim de estabelecer com precisão os prejuizos causados.

Quando chega o momento de premiar os "ases", vitoriosos ou os encarregados das baterias anti-aéreas, é ainda ela quem faz a distribuição de prémios e medalhas.

Convinda freqüentemente para almoçar ou jantar ingleses, franceses e americanos que ficam deslumbrados com a firmeza e conhecimento que madame Chang-Kai-Chek patenteia ante as medidas a adotar para fazer frente ao inimigo.

Quanto ao resultado final da guerra, está certa de que a independência da China se manterá intacta. Quere uma China nova, americana

canisada, com arranha-céus e maquinarias potentes que assombrem o Mundo. Tendo visto, do alto de Boston, a figura que os seus compatriotas faziam com os seus sistemas milenários e retrógados, pretende a todo o custo europeizar toda a nação chinesa, torná-la grande e poderosa sem que, com isso, levante o tão receado "perigo amarelo" para a Europa. Combate com a maior firmeza a infiltração nipónica, pois, a-pesar-das boas intenções apregoadas pelo Império do Sol Nascente, apersebe-se imperfeitamente dos seus intentos de absorção.

A preocupação que madame Chang-Kai-Chek manifesta pela indumentária do marido tem dado origem aos mais curiosos comentários, alguns dos quais com infinito espírito.

Madame Chang-Kai-Chek, não liga importância ao que se diz. Vai até ao fim, apesar de tudo.

Há dias, o grande jornalista Ward Pric entrevistou-a. Em dada altura, perguntou-lhe:

— A que atribue a rápida ascensão de seu marido?

— Aos belos uniformes que lhe escolhi. Assim será, mas a maior razão está no ânimo que a espósa lhe dá, dia a dia, para os ostentar com o hrio desejado.

Por sua vez, madame Chang-Kai-Chek manda ir os seus vestidos de Paris, mostrando assim aos seus compatriotas que a China deve modernizar-se.

Com uma tal tenacidade, tudo leva a crêr que atinja inteiramente o seu fim. O próprio Confúcio, se voltasse ao Mundo, não desdenharia um fato de bom cheviote que Mai-Ling escolheria.

O comendador tem em casa um filho que veio do colégio a férias. Quere mostrar as habilidades do pequeno, e quando apanha visitas, chama-o logo.

— Vêem-no, está desenvolvido, hein? Está um homenzinho. E vai já muito adiantado nos estudos.

— Ah! sim?!

— Muito. Em gramática, principalmente, está senhor de tudo; quer ver?... Ó Luiz, conjuga lá o verbo ovos fritos.

Um fidalgote, muito empavonado e muito insignificante, diz desdenhosamente para um plebeu com quem está discutindo:



— Dizes que o teu pai foi ha pouco à Penitencidária. E êle demora-se?
— Segundo dizem os jornais parece que oito anos pouco mais ou menos...

— Sabe que eu orgulho-me dos meus antepassados?

— Não duvido, responde o outro. Resta saber se os seus antepassados se orgulham de si.

— Homem, não é tal uma hora... são duas!

— É uma, criatura!

— Estás certo?

— Certíssimo. Ouvi-a dar duas vezes a seguir.

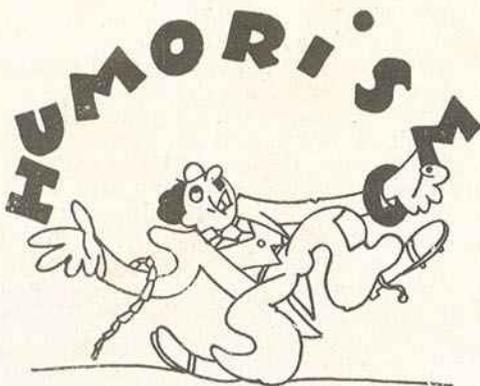
Certo cura, tendo baptizado o filho de um seus paroquianos exigiu que, com os emolumentos do baptismo, lhe fôsem pagos os de óbito.

Alguém estranhou-lhe a exigência.

— Procedo assim — redarguiu êle, enfurecido — porque, quando estes patifes crescem, vão sempre morrer em outra parte.

Silveira dá no dia de carnaval um jantar aos seus amigos.

No dia seguinte ordena ao criado que



lhe ponha na mesa do almoço o que tinha ficado do banquete de véspera.

O criado muito grave:

— Do jantar de ontem ficaram apenas três amigos de V. Ex.^a, que ainda estão debaixo da mesa.

Dois borrachos saem de um restaurante a altas horas da noite.

Um dêles fita por acaso o céu, onde vai subindo a lua, e diz ao companheiro:

— Olha lá; aquilo é o sol ou é a lua?

— Não sei!

Nisto passa ao fundo outro bêbado que se aproxima aos bordos.

Fazem-lhe a pergunta quesilenta e êle responde!

— Eu cá não sei... porque não sou dêstes sítios.

Num tribunal da província:

— Juiz: — Que officio, arte ou profissão tem o réu?

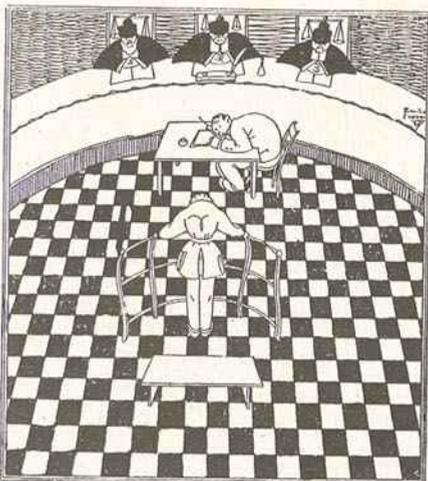
— Tosquiador de bestas, para servir V. Ex.^a.

Antes do casamento:

A noiva poisa os cotovelos sôbre a a mesa, e o noivo, que a contempla, exclama:

— Que encantador abandono!

No fim de seis meses de casados, ela



— Mas você não tem vergonha de roubar três vezes, na mesma semana a mesma casa? ...
— Senhor juiz, a falta de casas é uma coisa sabida! ...

repete a mesma posição e o marido diz:

— Que grosseria, santo Deus! com os cotovelos em cima da mesa!

— Como foi que tu caíste pela escada abaixo?

— Eu te digo: quando vinha a descer, gritou minha mulher lá de cima: — "não caias, João!" — Ora, como quem governa a casa sou eu, e como não sou homem para fazer o que as mulheres mandam, apenas ela me disse aquilo, — zás, caí!...

Um doente que receava muito a morte lamentava-se e chorava como um desesperado.

— Então, coragem, diziam-lhe os ami-



— Homem, você, aí à torreira do sol, empoletrado, e de manta ao pescoço? ...
— É que estou aqui na corrente ...

gos, essa é a sorte comum e demais só se morre uma vez.

— Pois sim! — replica o doente — se se morresse dez ou doze vezes não me ralava eu com a primeira.

Em Cacilhas:

— Quanto quere para me levar em jumento até à Piedade?

— Vinte e cinco tostões, ida e volta.

— É caro, pai dos burros.

— Não sei o que lhe faça, meu filho.

Num exame:

Examinador — O que é gramática?

Examinando, mostrando-lhe o livro — É isto!

TRISTEZAS DO CARNAVAL

É o tempo da folia, diz a tradição e o calendário continua a anunciá-lo e a querer restringi-lo ao que êle foi sempre.

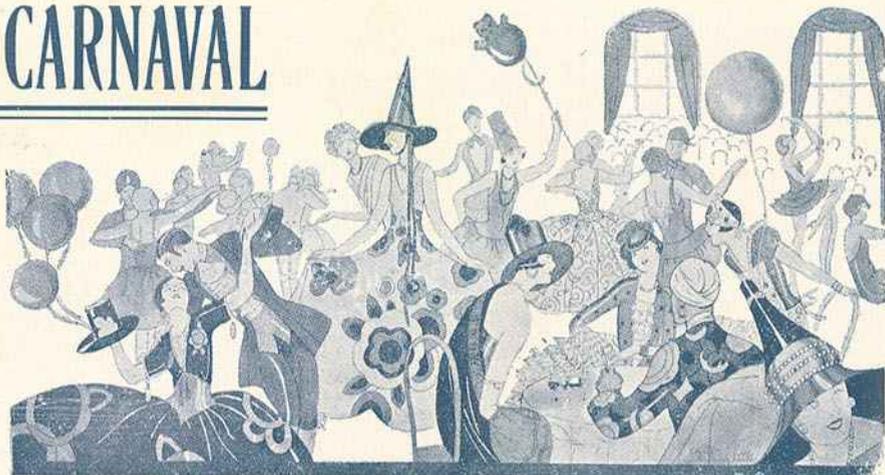
Mas os tempos mudam com os acontecimentos e as almas acompanham-nos nas suas transformações.

Quando os homens eram mais calmos, quando as suas necessidades eram menos urgentes, porque suas ambições não chegavam à mania das grandezas, o carnaval brincava e rejubilava sem pensamentos reservados e sem preocupações.

As ruas, os bailes e todos os lugares em que fôsse possível reunir um grupo bem intencionado, na honesta aspiração de divertir-se, sem incomodar os outros, os pares enlaçavam-se contentes e rodopiavam, ao som duma charanga ou de guitarras e violas, e tinham ganho, em satisfação, o salário do seu dia ou da sua noite de folga.

Os ares não se turvavam com rádios anunciadores de maus cometimentos, as gentes viviam em paz e o caldinho estava assegurado e a côdea de pão de cada dia nunca falhava.

E a vida corria prazenteira, o carnaval podia vir e era sempre esperado com impaciência, porque representava uns dias de tréguas no trabalho fatigante das oficinas e dos escritórios, e os estudantes



atiravam para um canto as sebatas e misturavam-se à turba, esmaltando-a com a sua mocidade impetuosa e febril.

A pouco e pouco, o carnaval, como tocado de tristes pressentimentos, foi perdendo a sua graça, a sua vivacidade, e sem saber porquê, como certas almas assaltadas pela dúvida, tornou-se grave e mal humorado.

Já pouco dansava, o espírito esfusante e intriguista com que arreliaava os parceiros tornou-se sensaborão, de uma piada rebuscada que saía com dificuldade e não atingia o seu alvo: divertia os ouvintes, até à gargalhada franca que desopila e faz chegar as lágrimas aos olhos.

O entusiasmo que dava uma colcha ou um lençol armados em dominó, com uns laços toscos cortados dum pedaço de chita, e o atrevimento que consentia a almofadinha de crochet enfiada na cabeça servindo de máscara, foram esfriando, perdendo energia, a-pesar-dos disfarces caros e elegantes e das mascarilhas de veludo que os vieram substituindo, procurando catalogar alegrias com os verbetes da civilização.

Os corpos sentiam-se pouco à vontade, apertados em setins, e os espíritos acanhavam-se, perante tal etiqueta.

O senhor Governador Civil do distrito, animado da melhor boa vontade, deu para êste ano permissões há muito cortadas, para que o bom povo lisboeta voltasse àquela alegria sã e ruídosos dos tempos antigos, com cêgadas de equilíbrios e dansas, e batalhas de projecteis que animassem o Córso da Avenida, fustigando o ar com mancheias de tremoços, e espalhando no ambiente a nuvem tênue do pó de arroz.

Mas não foi por diante essa concessão generosa, porque houve quem antes de tempo e fora dos recintos marcados usasse e abusasse de tais liberdades.

Do novo edital houve quem se queixasse, mas o primeiro também teve os seus descontentes.

Muita gente, famílias inteiras, já tinha

resolvido não sair à rua nesses dias de folia para não ser vítima das más interpretações do que era permitido — o que é realmente o grande inimigo das boas iniciativas.

Há pessoas que dão às cláusulas um sentido errado, mas que mais lhes convém, e alargam sempre a sua liberdade de acção.

O comércio, com as restrições que vieram depois, sentiu-se lesado e protestou.

Todos os queixumes podem considerar-se letra morta.

De qualquer maneira, o carnaval não podia ter aquela animação, aquela vida que o enchia de júbilo em dias que se foram e que não voltarão talvez nunca mais.

Os pressentimentos que insidiosamente iam minando a alegria da nossa gente estão agora em plena realidade.

Nós somos um povo sonhador, com o romantismo apegado à alma e, portanto, compassivos.

Como poderíamos rir, cantar e barulhar, em entusiástica raiva de foliões, com a desgraça tão perto de nós, com os ouvidos cheios dos lamentos de tantos infelizes, sabendo que há tanta bôca sem pão, tanto lar vazio, tantos filhos sem pais e tantos pais sem filhos?

Se alguns há ainda que possam amoldar a sua piedade? êsses mesmos são contrafeitos nos seus folguedos, obrigam-se a rir, como alguém canta, para disfarçar a sua dor.

Não, nem o edital generoso emprestaria ao Carnaval mais animação, que só podia ser-lhe dada por espíritos despreocupados — agora em minoria, nem a repressão, por isso, prejudicou ninguém.

As coisas seriam o que tinham realmente de ser.

Andam no ar preságios de tristeza, e já há bastantes realidades que nos cubram a alma de mágoa e nos obriguem a meditar no que será o dia de amanhã, se os homens não se voltarem para outros ideais que tragam ao mundo a tranqüilidade e a paz.

MERCEDES BLASCO.





O grupo do F. C. Pórtia, mais um ano campeão do Norte e campeão marcante no Torneio da 1 Liga

Os jogos da XII Olimpíada moderna, marcados para Tóquio em 1940, não se apresentam de momento muito bem figurados.

Já por diversas vezes correram boatos da desistência do Japão, em virtude da situação especial em que se encontra o país por motivo da guerra com a China; mas sempre viria depois o desmentido formal do Comité nipónico, assegurando ao mundo que os compromissos aceites há dois anos seriam mantidos contra todas as eventualidades contrárias.

Agora, porém, a ofensiva contra os jogos assume proporções mais graves porque assenta numa questão de princípio absolutamente fundamentada e foi lançada ao mesmo tempo por grupos diversos e importantes de futuros concorrentes.

As nações escandinavas foram as primeiras a erguer brado de protesto, imitadas agora pelas nações do Império Britânico e pela Húngria; os jogos Olímpicos não devem efectuar-se num país em estado de guerra e na qualidade de agressor.

Trata-se dum critério que é a claríssima obediência à lógica dos princípios; o barão de Coubertin apregoou a sua campanha olímpica como um elemento de paz entre os homens e de aproximação amistosa dos povos. Os jogos, afirmou o seu ressurgidor, não retinam atletas com o objectivo restrito da vitória, mas sobretudo para estabelecer numa luta leal e desinteressada, contacto mais íntimo entre os representantes da mocidade de todo o mundo; o seu ambiente deve ser de alegria, de calma elevação espiritual, de fraternidade e amor.

Que o país encarregado de os organizar esteja combatendo, e o não faça no legítimo direito de defesa própria, é de facto situação incompatível com os preceitos da moral olímpica.

Dentro de poucos dias começarão os trabalhos do congresso olímpico que reunirá no Cairo os delegados dos Comités de todo o mundo, e o assunto vai ser apresentado, discutido e votado. Não

pode prever-se qual seja a solução, sendo possível que se leve em conta a importância dos trabalhos já realizados pelo Japão e a impossibilidade para qualquer outro país de organizar em dois anos escassos tão grandiosa manifestação, estabelecendo-se apenas critério para o futuro; mas pode também suceder que se chegue a uma decisão imediata.

Entretanto, reunidas em Sidney onde se disputaram os anuais jogos Britânicos, as federações inglesas e dos Domínios firmaram categoricamente o seu ponto de vista ameaçando com abstenção aos jogos de Tóquio caso o Japão se encontre em guerra quando chegue a época olímpica.

Esta decisão, que bem merece ser considerada sensacional, causou variados comentários, que foram desde a indignação explosiva dos japoneses até à aprovação desassomburada dalguns comités nacionais, o que promete para as sessões do Cairo uma controvérsia animada e uma curiosa definição de princípios.

A actividade desportiva portuguesa mantém-se na mesma monótona cadência, concentrando todo o interesse nas peripécias dos torneios das Ligas em football, os quais eliminam para plano secundaríssimo as restantes competições correspondentes aos campeonatos regionais das outras modalidades de jogos em campo.



Os terrenos de Matsji Sherine, em Tóquio, onde está sendo construído o Estádio Olímpico de 1940

A QUINZENA DESPORTIVA

Quando, ao cabo dumhas semanas de actividade normal passamos em mente uma revisão de conjunto, não se encontra desoladoramente nenhum facto que mereça o esforço duma análise evocativa.

O meio desportivo português sofre de ausência de iniciativa; encontrou uma mecânica de organizações que lhe satisfaz a curiosidade semanal e por aí ficou. Público e clubes concentram as suas aspirações nos espectáculos dominicais dos encontros de football, onde uns e outros colhem emoção para vibrar e receitas para viver. O resto não importa.

O basket, o handball, o hockey, actuam na sombra e nada fazem para dela sair; os indivíduos que regem seus destinos actuam como conformados na mediocridade e a conformação não é virtude de desportistas quando se assemelha a passividade.

Fugindo à regra, parece que a Associação de Handball de Lisboa, certamente segura do acórdio da congénere portuense, se ocupa activamente, mas muito em segredo — como se fora censurável o que apenas merece louvor — de promover a deslocação duma equipa nacional de handball à Alemanha, a fim de participar em Julho próximo nos campeonatos europeus da modalidade. Existe, por parte do país organizador, omáximo empenho na nossa presença, já oficialmente manifestado, o que pode simplificar as dificuldades duma deslocação à primeira vista irrealizável.

Como a entidade dirigente não dispõe de fundos bastantes para provêr à viagem e estadia da equipa, a federação alemã oferece-lhe a possibilidade de disputa de alguns encontros em diversas cidades da província, de cujas receitas beneficiariam os portugueses, e é provável também que lhe seja oferecida passagem vantajosa em barco germânico.

Embora sejam prematuras quaisquer apreciações sobre uma simples hipótese, a tentativa é digna de aplauso e oxalá triunfe, pois a visita dos nossos jogadores à Alemanha, que não pode ser motivada por outros propósitos além dos de aprender no contacto com grupos mais experimentados e aguerridos, será apenas por isso utilíssima.

Partindo sem ilusões mas com o rigor disciplinar de quem tem uma missão a cumprir, a representação despor-

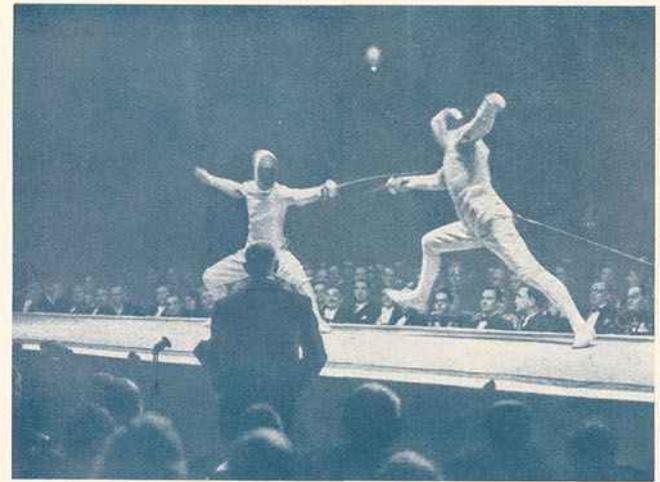
tiva portuguesa contribuiria seguramente para o progresso da técnica de jogo e sua divulgação em Portugal.

O atletismo de inverno, cuja actividade se manifesta entre nós, pelas corridas de corta-mato e depois pelas provas em estrada, encerrou no domingo anterior ao Carnaval o primeiro ciclo do seu programa com os campeonatos nacionais de "cross-country" disputados em Lisboa.

Os anos seguem-se aos anos e não registamos, infelizmente, o mínimo progresso nesta especialidade: são sempre as mesmas provas, a mesma escassez de participantes, a mesma monotonia de classificações. A corrida pelo campo, desporto tão popular no estrangeiro, não conseguiu conquistar em Portugal existência própria e vive na dependência da participação dos corredores de fundo em pista.

Durante a época, apenas uma prova apresentou algum interesse espectacular podendo satisfazer a assistência: foi o "Cross por equipas de 10 homens", que alinhou, nos terrenos da cerca da Casa Pia, 52 concorrentes e forneceu ao Belenenses uma bela ocasião de vitória colectiva e ao sportinguista Anibal Barão um meritório triunfo pessoal. Mas a grande maioria das restantes organizações no campo plano, e sem o menor pitoresco, do Jockey, deram uma impressão dolorosa da nossa pobreza atlética, com um escasso punhado de corredores cuja diferença de classe nem sequer permitia emulação.

O tipo clássico do aborrecimento desportivo foi dado pelo Cross por Estafetas, no qual se arrastaram durante quinze quilómetros os componentes de quatro equipas que ao cabo do primeiro percurso estavam já separados por distân-



O encontro Franco-Itália prende a atenção dos esgrimistas de todo o mundo; os italianos venceram por 5-3, mas o campeão do mundo Bernard Schmetz, à direita na gravura, foi o mais perigoso dos seus adversários

cias consideráveis e que progressivamente aumentaram.

A elaboração do calendário anual enferma dum erro de critério dos dirigentes, os quais pensam apenas nos interesses e possibilidades clubistas, omitindo nos seus programas dois factores fundamentais: a necessidade de propagação da modalidade no espírito público e a difusão da corrida de corta-mato nos meios onde pode encontrar praticantes.

E' facto que estes dois factores são interdependentes, o que cria uma espécie de círculo vicioso, mas isso não evita que se altere o critério de orientação uma vez demonstrado que o adoptado não serve às conveniências regionais.

O número de participantes nas provas de inverno, perante o reduzido grupo de clubes filiados na associação dirigente, só

pode aumentar se estes inscreverem em cada corrida o máximo dos seus representantes; as colectividades defendem-se, porém, porque o atletismo de inverno é para elas um desporto caro dada a qualidade da maior parte dos amadores que o praticam não poder dispensar o reembolso oneroso de "salários perdidos", hábito nascido de longa data numa legítima aspiração mas transformada pela prática no mais reprovável abuso.

A ofensiva contra ele foi decididamente lançada por alguns dos clubes fortes e tradicionalistas, que em consequência viram enfraquecidas as suas representações pela greve daqueles que viram recusadas as suas exigências.

Assim sofreu de crise na época de 1937 o Sport Lisboa e Benfica, e este ano viu o Sporting recusarem-lhe a sua cooperação alguns dos elementos mais em destaque da sua equipa.

Oxalá o exemplo seja seguido pelos restantes clubes cultores da modalidade, único processo de trazer ao caminho da razão aqueles que pretendem mercadejar o seu esforço, esmagando sob o peso dos seus interesses o brio e o espírito desportivos.

Nas competições deste ano, o Belenenses foi o campeão triunfador, pois é o grupo que ainda não sofreu do conflito que acima referimos. Individualmente, Manuel Nogueira ganhou todas as corridas excepto o Cross disputado no Restelo, e isto tanto mais facilmente quanto se verificou a ausência posterior do sportinguista Anibal Barão, um dos grevistas da falange leonina.

Nas provas de «juniors» foi o clube dos Vendedores de Jornais o melhor, mas o Sporting causou surpresa conservando com os seus reservas o campeonato nacional que há 3 anos conquista.



O Velódromo de Inverno, onde estão sendo disputados os «6 Dias» portuenses, em tarde de grande enchente



A sr.^a D. Maria Luiza Penalva de Mascarenhas (Tôrre) e o sr. José António do Amaral Pyrrait, por ocasião do seu casamento celebrado na artística capela do Palácio da Fronteira, a S. Domingos de Benfica, residência dos pais da noiva, srs. Condes da Tôrre

(Foto Moreira).

Festas de caridade

No POLITEAMA

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Adelaide Temudo de Sommer, D. Franca Cristiano da Silva, D. Irene Arruda de Andrade, D. Isabel Marques Pereira, D. Maria Camilo Castelo de Almeida Fernandes, D. Maria do Carmo Lemos Seixas Castelo Branco, D. Maria Emilia Cabral da Silva, D. Maria Joana Sarmento de Azevedo Furtado, D. Maria José de Lencastre Correia Viana, D. Maria Ornelas Monjardino, e D. Maria Tereza de Barros da Costa Sacadura, realizou-se na tarde de dia 12 de Fevereiro último no Politeama, uma interessante festa de caridade, cujo produto se destinava a favor do fundo da Associação do «Enxoval do Recem-Nascido», constando o programa da exibição de vários filmes, e de um acto de danças, por um grupo de creanças pertencentes à nossa melhor sociedade discípulas da notável professora de dança Senhora de Britton's, que executaram com muita arte vários bailados clássicos, regionais e de fantasia, deixando na selecta assistência que enchia por completo a linda sala de espectáculos, a melhor impressão.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

Diplomatistas

O ilustre ministro da Dinamarca e sua esposa, que se encontram hospedados no Palácio Hotel do Estoril, ofereceram no salão de mesa do mesmo hotel, um jantar a que assistiram os srs. Ministro da Noruega e esposa, Encarregada dos Negócios de Itália, La Terza e esposa, Consul Geral da Dinamarca, Capitão Gade e esposa, Conde de Holsteinborg e esposa, Conde Colbert e esposa, Condessa de Lombille e Carlos Husum e esposa.

— No mesmo salão ofereceu o ilustre Ministro

VIDA ELEGANTE

dos Estados Unidos da América e esposa, um almôco íntimo em honra da sr.^a D. Tereza Roosevelt, mãe do actual presidente da República dos Estados Unidos da América sr. Francklin Roosevelt.

Casamentos

Na capela do aristocrático Palácio Fronteira, a São Domingos de Benfica, residência actual dos srs. Condes da Tôrre, celebrou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Luisa, com o sr. José Manuel Tavares de Amaral Pyrrait, filho da sr.^a D. Maria Tereza Tavares de Amaral Pyrrait e do sr. Alexandre de Amaral Pyrrait, já falecidos, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria do Carmo Penalva e D. Leonor de Mascarenhas Neves, respectivamente tia materna e irmã da noiva e de padrinhos os srs. Dr. Mário de Amaral Pyrrait e Dr. António Maria Tavares do Amaral Pyrrait, respectivamente tio paterno e irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Francisco Maria da Silva, amigo íntimo da família do noivo, e prior da freguesia do Santo Condestável, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido no vasto salão dos Brazões, do aristocrático Palácio Fronteira, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foi oferecido um grande número de artísticas prendas, para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Povoando os sumptuosos salões do Palácio Fronteira, que nesse dia, viveu alguns momentos de inigualável prazer espiritual, recorda-nos ter visto entre outras pessoas as seguintes:

Marquês e Marquesa do Cadaval, Marquesa da Praia e Montforte, Conde e Condessa de S. Tiago, Conde e Condessa de Seisal e filhas, Conde e Condessa de Bonfim e filhas, Condessa da Guarda, Conde e Condessa de Santar, Visconde e Viscondessa de Santarem, Viscondessa do Paço de Nespeira D. Maria, Visconde e Viscondessa de Taveira, Viscondessa da Nespereira e filhas, Visconde e Viscondessa de Meireles, Visconde de Sanches de Baena, D. António da Cunha e Lorena (S. Vicente) e esposa, D. Maria Tereza de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, Comandante Monteiro e esposa, Coronel Penalva e filhas, Dr. Cassiano Neves, esposa e filha, D. Maria José Tôrre do Vale e filha, D. Nuno Figueiredo Cabral da Câmara (Belmonte) e esposa, Guilherme Ferreira Pinto Basto e esposa, D. Carlos de Mascarenhas (Fronteira), esposa e filhos, D. Alexandre de Mascarenhas (Fronteira), esposa e filhos, D. João de Mascarenhas (Fronteira), D. Pedro de Bragança (Lafões), D. João de Almeida, esposa e filha, Diogo de Macedo e esposa, Fernando Ferreira Pinto Basto, esposa e filhos, D. Mariana Portocarrero da Câmara Mesquita e filhas, Dr. Morges de Sousa, esposa e filhos, José Frois e D. Josefina Moraes de los Rios Frois e filhas, D. Lidia Guimarães Biel, D. Maria Inácia Basílio de Castelbranco, Frederico Oom e esposa, Eduardo Ferreira Pinto Basto, esposa e filhos, Dr. Craveiro Lopes e esposa, Francisco Castro esposa e filha, Major Estácio e esposa, Duarte Ferreira e esposa, Capitão José da Silva Dias, Eduardo Pinto da Cunha, esposa e filhas, Francisco Tavares, esposa e filhos, José Augusto Barahona Fernandes e esposa, D. José de Saldanha da Gama, esposa e filhos, Emídio de Aguiar e esposa, Jaime Nunes de Carvalho e esposa, Dr. António de Amaral Pyrrait e esposa, Armando Pereira, esposa e filhos, D. Maria do Carmo de Sousa Coutinho, Manuel Bruges de Oliveira e esposa, D. Maria de Carvalho Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Augusta Peil da Costa Maia e filha, Dr. Bustorff Silva, António Teixeira, D. Maria Luiza Bustorff, António de Carvalho Monteiro e esposa, Tenente Almeida e esposa, D. Ana de Moraes Sarmento, Dr. Serafim Leite, D. Maria do Carmo Leite Ribeiro Liebermeister e filha, D. Amélia Leal e filha, D. Adalina Domingas de Oliveira, António de Lencastre Laboreiro Fiuzza, esposa e filhas, Afonso de Melo Perestrelo e esposa, Ernesto Campos de Andrade, esposa e filhos, Lopo da Câmara e esposa, D. João da Câmara e esposa, Dr. António de Oliveira, D. Margarida Teles da Silva Roque de Pinho, Azevedo Coutinho e esposa, Filipe Malta, D. Maria Helena de Amaral Pyrrait, D. Maria do Rosário de Amaral Pyrrait, D. Maria do Carmo de Amaral Pyrrait, D. Maria Amélia de Amaral Pyrrait, D. Vasco Anjos (Fontalva) e esposa, Francisco de Herédia, esposa e filho, Major Luis de Santana, Adolfo Macado, D. Conceição Van-Zeller, D. Isabel de Melo e Costa (Ficalhã), Anselmo Pinto Basto, Dr. Albano e Dr. António de Campos Melo, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco e filhas, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, José de Mascarenhas Lencastre Fiuzza, esposa e filhas, Dr. Manuel Salvador Costa, Dr. António José de Oliveira Monteiro, Dr. Ernesto Campos de Andrade, D. Júlia Paiva Couceiro, D. Maria Luiza Oideine, D. Helena Collina, Júlio de Guimarães Bill e esposa, Rodrigo de Castro Pereira, Rui Tôrre do Vale, José Oliva, Dr. Fernando Pacheco, Fernando de Serpa Pimentel, Dr. Luis Tôrres Pereira, João e Henrique Salgado, Carlos Vieira da Rocha, Jorge Seixas, José Parreira e esposa, Afonso Canto e Castro, Serafim Leite, José Manuel Sepulveda, D. Maria Wladimir, D. Maria Margarida, D. Maria do Céu e D. Maria Luiza Quirino da Fonseca, José de Castelo Branco (Arrochela), D. Maria Correia de Sampaio Seabra, Alfredo Belo, Francisco de Medeiros Galvão, Francisco d'Orey, José Belo Santos, José Saldanha da Gama, José Cardoso de Meneses, António Serterí, João e Leonel Cabral, António de Lencastre Laboreiro Fiuzza, Eduardo Kadzanskain, Pedro Correia de Sá (Asseca), José de Melo e Castro, Jorge de Melo e Faro (Monte Real),

José António Barbosa de Guimarães Seródio (Sabrosa), Luis Calheiros Cruz, Pedro de Amaral Pyrrait, José da Silva Penha, José Vitor dos Santos, D. Amélia Camacho Belo, Pedro Bustorff, Sá Guimarães, Mimon e Eduardo Anahory, Alberto Moreno, Francisco Nobre Guedes, João Teles da Silva (Tarouca), José Maria dos Santos, Mancel Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), João e Miguel de Melo de Barros, Manuel e Joaquim Leitão, José Maria Alpoim, António, Emílio e Fernando Infante da Câmara, D. Joana e D. Fernanda de Lencastre Laboreiro Fiuzza, D. Maria Canavarro Fernandes Costa, Manuel e Luis Braamcamp (Sobral), José Campos, D. Maria Tereza e D. Mariana Pinto Coelho, Luis, Carlos e João Pinto Coelho, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Os ilustres donos da casa, seus filhos, genro e seus irmãos, foram de uma cativante amabilidade para com os seus numerosos convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

— Celebrou-se na paróquia do Santo Condestável, á rua do Patrocínio, o casamento da sr.^a D. Guilhermina Jesus de Oliveira, interessante filha da sr.^a D. Virginia Mourão de Oliveira e do sr. Joaquim Neto de Oliveira, já falecido, com o sr. Daniel Roque de Oliveira, filho da sr.^a Lucinda Silva Roque de Oliveira e do sr. Francisco Roque de Oliveira, já falecido, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Tereza de Oliveira Neto e D. Leonor de Oliveira Cabral, irmã do noivo e de padrinhos os srs. José de Oliveira Neto e Bruno Cabral, cunhado do noivo, presidindo ao acto o prior da freguesia reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de valiosas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Nunes de Oliveira Pinto, gentil filha da sr.^a D. Virginia Nunes de Oliveira Pinto e do sr. Ricardo Joaquim de Oliveira Pinto, com o sr. Francisco Alberto de Almeida Chichorro, funcionário superior do Ministério das Finanças, filho da sr.^a D. Maria Peters de Almeida Chichorro e do sr. Carlos Alberto Chichorro, funcionário superior aposentado do Conselho Superior de Obras Públicas, servindo de madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Palmira José Alves e a mãe do noivo e de padrinhos o tio da noiva sr. Bernardo José Alves e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Vinte Oito de Maio, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Branca Mendes Ferreira, gentil filha da sr.^a D. Judite Mendes Ferreira e do sr. Carlos Alves Ferreira, com o meretíssimo juiz de direito em Macau, sr. dr. José Alves Ferreira, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.^a Viscondessa de Charruada e seu pai e por parte do noivo o sr. dr. José Alves Monteiro Junior, director da Polícia de Investigação Criminal.

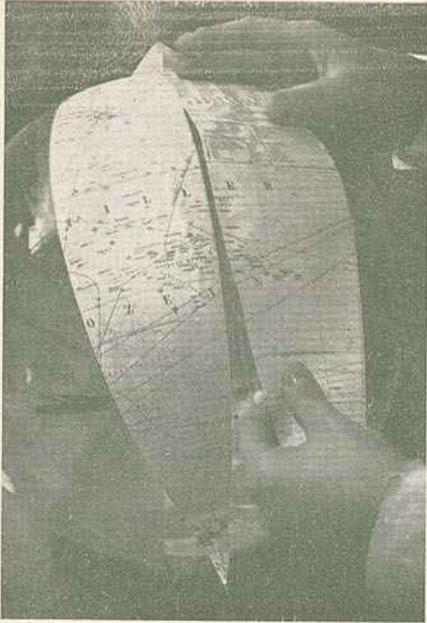
Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte do país onde foram passar a lua de mel, seguindo depois para Macau, onde vão fixar residência.

— Celebrou-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Maria Natália Moita de Fontoura Madureira, interessante filha da sr.^a D. Hilda de Fontoura Madureira e do capitão sr. Aurélio de Fontoura Madureira, já falecido, com o sr. dr. José Roberto Furtado de Antas de Oliveira Pinto, delegado do procurador da República, filho da sr.^a D. Sara Furtado de Antas de Oliveira Pinto e do coronel de engenharia sr. Roberto Pinto, servindo de madrinhas as mães do noivo e de padrinhos o avô da noiva sr. António dos Santos Moita e o pai do noivo.

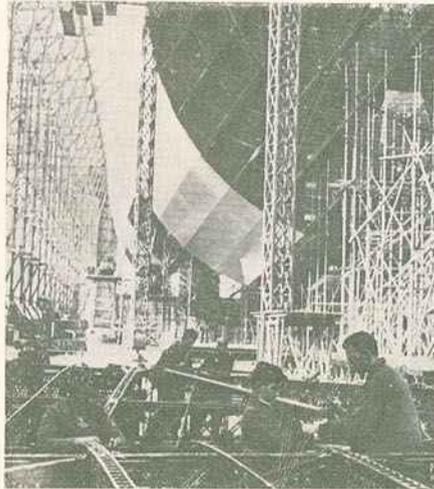
Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram fixar residência.

D. NUNO.

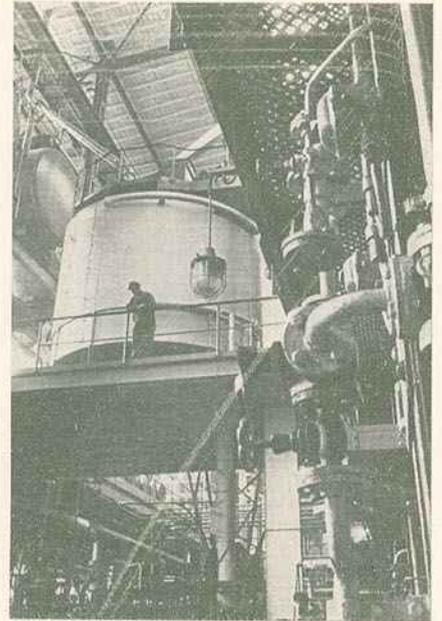
A actividade alemã



O novo sistema de globos geográficos em cristal com luz interior



A construção do novo Zepelin em que se á empregado o hélio



Trecho de uma fábrica de produção de borracha sintética



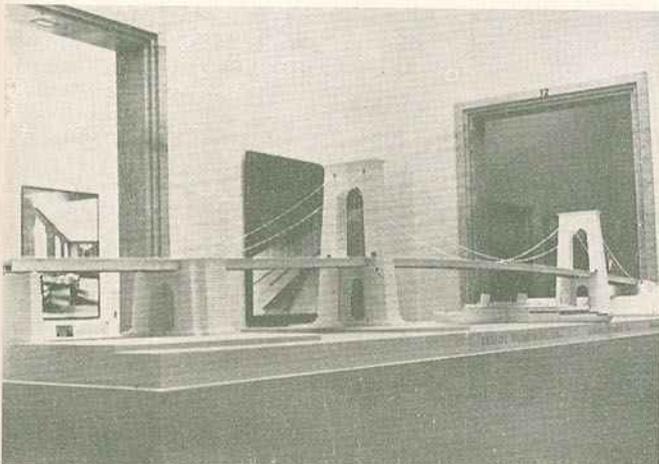
Campeonatos mundiais de «bob» na pista de St. Moritz



Cabinas em que os ruídos são amortecidos por algodão



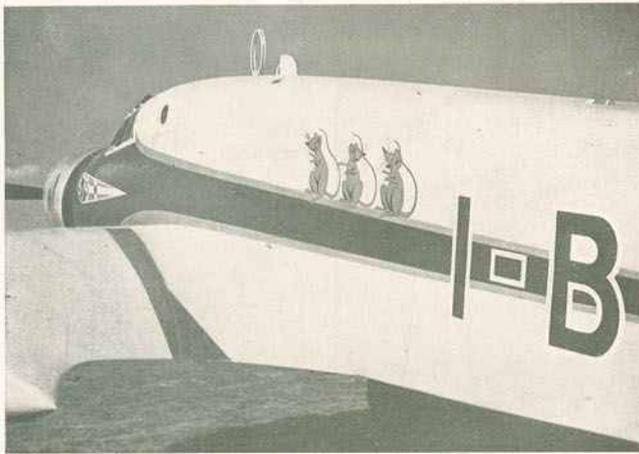
Trajes isoladores para combater os maiores incêndios



O plano da ponte de suspensão de Hamburgo sôbre o rio Elba, apresentado na exposição de arquitectura de Munich, e que será executado dentro em breve



A nova avioneta «Student» que, com um motor de 50/60 H. P., gasta apenas 7 litros de combustível aos 100 quilômetros, atingindo uma velocidade de 175 à hora



O emblema dos "Ratos Verdes"

A Itália, que nunca deixou de primar pela sua originalidade, criou os "Ratos Verdes", que tiveram logo fama mundial. Não vão pensar os amadores de bicharia rara que se trata duma raça de roedores cõr da esperança, nem nada que se pareça.

Trata-se muito simplesmente dum inofensivo emblema colocado nos aparelhos italianos que se propunham realizar o vôo Istres-Damasco-Paris.

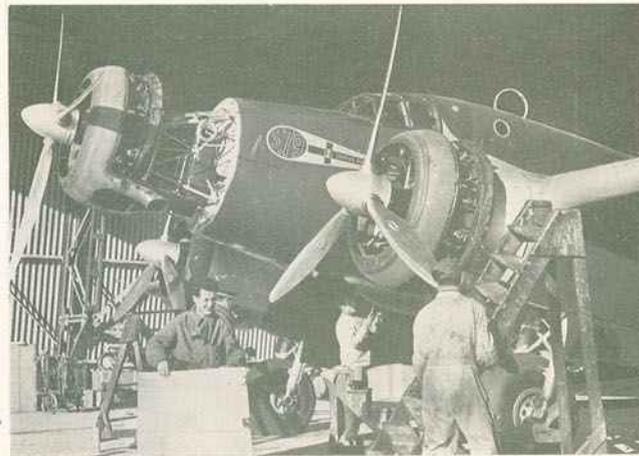
A razão da escolha é muito curiosa: Na língua italiana, a frase: "Ti farò vedere i sorci verdi", que quer dizer: "Farte-ei ver os ratos verdes", indica que fará ver coisas extraordinárias, inesperadas, maravilhosas, visto que a cõr verde nos ratos não se encontra assim do pé para a mão. Esta frase, aliás usual, só co-

meçou a ter notoriedade internacional, quando o emblema dos "Ratos Verdes" foi colocado nos aviões citados.

Confiantes na força dos seus aparelhos e no ânimo dos seus pilotos, os italianos proclamaram: "Faremos ver os ratos verdes aos franceses".

Com efeito, os aviões tinham pintados na carlinga três ratos verdes, e conquistaram o primeiro, o segundo e o terceiro prémios da prova.

Era feliz a "mascotte"? Assim o pensaram os italianos, e com tal convicção que quiseram continuar. Pois se os mesmos aparelhos haviam sido utilizados com tanta eficácia para a competição Istres-Damasco-Paris, deveriam ser usados também no vôo Roma-Rio de Janeiro. E, assim, não haveria



Os últimos retoques no trimotor

ICAROS DE HOJE

A invenção dos "Ratos Verdes" e a originalidade da aviação italiana

razão para apagar o emblema dos três animazinhos que tanta sorte tinham dado aos aparelhos no vôo anterior.

Eis, pois, como o grande vôo para além do Mediterrâneo, o Sahará e o Atlântico, que bateu todos os records precedentes passa à história da aeronáutica com a designação dos "Ratos Verdes".

Partiram às 7,30 do dia 24 de Janeiro, após uma espera de três dias para garantia das melhores condições atmosféricas. Tudo foi feito sob o máximo segredo. Os "Ratos Verdes" seguiram o seu rumo, aterrando em Dakar depois de um magnífico vôo de onze horas.

De Dakar para o Rio de Janeiro é que surgiu um contratempo: Apenas Bruno Mussolini e Biseo seguiram para a capital brasileira, tendo Moscatelli sido forçado a ficar no Natal.

Mas, ainda assim, chegou. Dando largas à superstição, o emblema dos "Ratos Verdes" deu sorte aos arrojados aviadores?

Quem sabe? Logo a seguir, os jornais registavam que o hidroavião de Stoppani amarama em chamas no Atlântico quando regressava do Brasil a Itália. Noticiavam ainda que o intrépido aviador italiano se salvara, mas que os seus companheiros tinham perdido a vida no desastre.

Seguiram-se mais pormenores: "O hidro-avião italiano, comandado por Stoppani, havia partido do Natal às 8,10, de regresso à Itália. Às 12 horas, isto é, a menos de quatro horas de vôo, um rádio de bordo daquele aparelho anunciava que a tripulação resolvera dar meia volta para regressar ao Natal, devido ao mau funcionamento do motor. Às 14,55 foi captado um S. O. S.

Um aviso francês e um avião da "Air-France" partiram imediatamente do Natal para o local assinalado, onde começaram as pesquisas, ao passo que um hidro-avião germânico levantava vôo de Fernando Noronha e anunciava às 16,55 que havia descoberto o avião italiano.

"O hidro era o trimotor "Cant Z. 506". Stoppani ia plenamente confiado nele e na sua tripulação constituída por Jarría e Comani que tinham uma gloriosa folha de serviços. Foram eles que bateram o "record" da distância em linha recta para hidros e que então se conservava em poder de Guillaumet, tendo a tentativa resultado brilhante. Por sua vez, Stoppani, sendo um dos melhores aviadores italianos, tem no seu activo 19 records mundiais.

E se êle levasse também o emblema dos "Ratos Verdes", que dão sorte? Pelo menos, é o que se deduz da seguinte notícia recebida de Roma em 2 de Fevereiro:

"Bruno Mussolini foi promovido a ca-

pitão. Distinto aviador, o filho do Duce fica sendo o mais novo capitão do exército italiano. Todos os pilotos que tomaram parte no "raid" Roma-Rio de Janeiro receberam a medalha de ouro do valor aeronáutico e os mecânicos medalha de prata.

Que êste vôo foi formidável ninguém o poderá por em dúvida. Os italianos, valorizando o seu material, enviam-nos as seguintes informações técnicas sobre o vôo Roma-Rio de Janeiro. Este raid — salientam êles — constitui uma nova e brilhante afirmação das possibilidades dos aparelhos de bombardeamento em normal dotação às repartições da Aeronáutica Italiana.

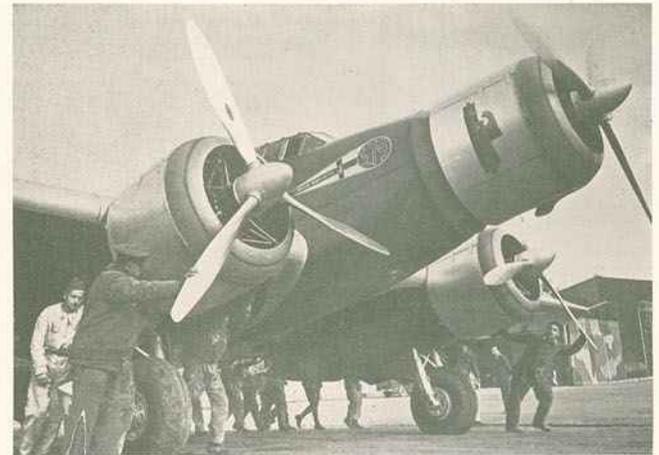
O trimotor S 79 está em serviço há cerca de três anos e mantém nos confrontos dos aparelhos estrangeiros semelhantes, também lançados em épocas posteriores, uma perfeita superioridade de características de vôo.

Efectivamente êle tem os seguintes importantíssimos records de velocidade:

- 1.º — Record de velocidade sobre 1.000 quilómetros com carga de 2.000 quilos à média de quilóm./hora 444,115;
- 2.º — Record de velocidade sobre 1.000 quilómetros com carga de 5.000 quilos à média de quilóm./hora 401,965;
- 3.º — Record de velocidade sobre 2.000 quilómetros sem carga à média de quilóm./hora 428,296;
- 4.º — Record de velocidade sobre 2.000 quilómetros com carga de 500 quilos à média de quilóm./hora 428,296;
- 5.º — Record de velocidade sobre 2.000 quilómetros com carga de 1.000 quilos à média de quilóm./hora 428,296;



Bruno Mussolini



Pronta a voar

6.º — Record de velocidade sobre 2.000 quilómetros com carga de 2.000 quilos à média de quilóm./hora 428,296;

Informam ainda que nestes últimos tempos, os melhores aparelhos franceses tentaram em vôo tais records.

Para testemunhar a óptima qualidade do material de produção italiana é digno de nota o facto de que os três aparelhos escolhidos para realizar o vôo Itália-Brasil são os mesmos que chegaram em primeiro, segundo e terceiro lugar na corrida Istres-Damasco-Paris em Agosto de 1937 e não obstante o intenso e variado trabalho a que foram submetidos desde a data da sua entrada em linha, estão ainda em perfeita eficiência.

O audacioso vôo realizou-se num percurso complessivo de cerca 10.000 quilómetros com mais de 3.000 quilómetros em pleno deserto e cerca de 8.000 quilómetros em mar alto.

Ao longo do percurso e nos aeroportos de etapa nenhuma preparação especial foi organizada aos aparelhos e à equipagem.

A esquadriha manteve-se em ligação directa pela radiotelegrafia com o aeroporto de Guidonia; para o controlo da navegação as equipagens serviram-se, além dos instrumentos de bordo, também dos levantamentos radiogoniométricos apoiados às estações italianas e aquelas estrangeiras deslocadas na África Norte-Occidental.

A imprensa italiana dedicou páginas inteiras ao resultado da primeira etapa do raid, salientando a grande velocidade dos trimotores e da perfeita regularidade do vôo. Esta grande e corajosa empresa da ala fascista desenvolve-se num percurso total de cerca de dez mil quilómetros dos quais 3 mil em pleno deserto e 3.800 no mar alto e o resto ao longo da costa.

O vôo Itália-Brasil — rematavam os jornais — está destinado a constituir uma nova prova do valor dos aparelhos de bombardeamento italianos.

A própria imprensa francesa, referindo-se à regularidade da primeira etapa Guidonia-Dakar, tributou-lhe as suas homenagens.

Le Jour afirmou que êste vôo teria um grande êco e confirmaria as impressões colhidas pelos franceses no vôo Istres-Damasco-Paris. Destacando a velocidade de 400 quilómetros por hora atingida pelos italianos, contrasta-a com a de 250 quilómetros atingida por Codos no vôo Paris-Santiago do Chile.

Por sua vez, La Nación, de Buenos Aires disse que êsse primeiro esforço da aeronáutica italiana constituirá o início duma organização efectiva da linha aérea Itália-Argentina, criando assim outros laços entre os dois países amigos.

O jornal L'Époque, de Paris, vai mais longe, afirmando sem rodeios que a aviação militar italiana é superior à francesa.



Biseo

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Cha-ves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas.

CORRESPONDÊNCIA

M. A. P. M. Sêde benvinda. No próximo nú-mero iniciarei a publicação da vossa apreciada colaboração que muito agradeço.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

1) Cruzei contigo um dia; e a tua *graça* — 4-9-2-5 tão distinta, — mas simples, natural, foi para mim o canto matinal da ave canora que no Azul perpassa...

Loiro o cabelo, *alva* a tez, esvoaça — 7-9-6-5 pelo teu rosto um vago encanto irreal, que eu só comparo ao riso sideral da tua linda boca! E a fina traça

que *harmonize* o conjunto mais amável — 5-2-8-3 da mais perfeita imagem de Mulher, não atinge a beleza inegalável,

sem um *senão*, do níveo corpo em flor — 6-1-4-9 que em doirada manhã eu pude ver deslumbrante de *graça* e de frescor!

Lisboa

Zé da Poule (T. E.)

NO FIM

(A M...)

A' memória de «Rei Fera»

Quando eu quasi no fim da minha estrada De versejar perderei o gosto antigo.

(Últimos Versos)

EUGÉNIO DE CASTRO

2) «Deus», o Arquitecto divino, — 9-6-3-9

Manda ao mundo a criatura E traça-lhe o seu destino Desde o berço à sepultura.

Em *pequenina* a criança, — 1-2-7-4

— Mimoso botão de rosa — E' já dos seus uma esp'rança... E, ai! quanta esp'rança enganosa!

Ei-la a *caminho* do ALÉM... — 5-2-7-4

Primeiras aspirações: Quer ser homem, ser alguém... Devaneios; ilusões...

Primavera! A vida em flor! — 5-4-2-9

E como é doce vive-la! Céu azul. Sonhos de amor. Brilha na aurora uma estrela.

Declínio. O *primeiro* indício: — 4-3-8-6

Cans; cabelos que enbranquecem, Eis da velhice o início; Corpo e o espírito enfraquecem.

O desalento; o *consaço!* — 4-1-4-7

Tristeza. O «caruncho» invade O corpo alquebrado e lasso. Saudades da mocidade...

Quási ao *termo* da jornada, — 5-6-8-4

Para a senda percorrida Volve-se a vista maguada... Tanta cruz! Tanta jazida;

Tanto *amigo* e companheiro — 4-1-2-5

Foram ficando p'ra traz! Além, num despenhadeiro Espreita a *Morte* voraz.

Lisboa

Sileno

Lisboa

Infante

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 9

CHARADAS ANTIGAS

(Quadras soltas)

A Mirones com um abraço

3) Eu sinto imensas saudades Dentro do meu coração... Quando ao tanger das trindades Medito numa oração!

A inveja, sem cansaços, — 1 Desde que eu vim para o mundo, Só tem tolhido os meus passos Num egoísmo profundo.

Já tem sido tão cantada Por tantos vates, a Vida, Mas nenhum, sequer, coitada, A cantou como é devida!

Em não te vendo ando triste, Se te vejo ando choroso; Não sei *onde* amor resiste — 1 A um fado tão penoso.

Se partir te vejo, enfim, P'ra qualquer *parte* distante, Logo, cá dentro de mim, Sinto um ardor dominante.

Lisboa

Fero (L. A. C.)

4) Essa *modulação* encantadora, — 3 Na qual tu empregaste o teu amor, Produziu em minha alma sonhadora Um prolongado e salutar torpor.

E, sendo *unicamente*, sofredora, — 1 Recorda com tristeza e grande horror O tempo em que estivera pecadora Fazendo-te sofrer com desamor...

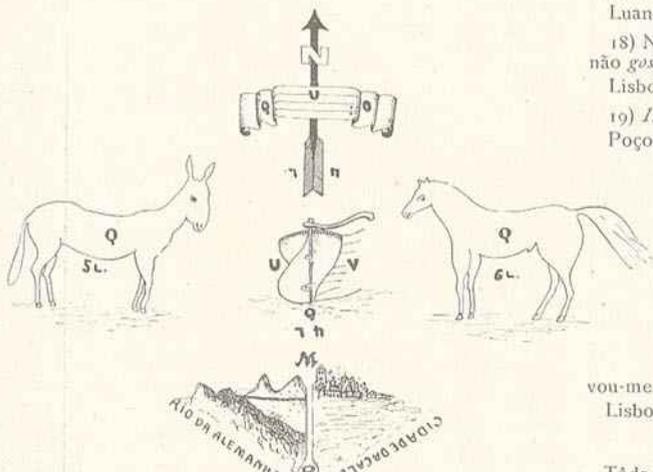
Mas é assim a leda e triste vida... Um mar de sofrimento e de agonia, Uma estrada de espinhos bem florida!

Por isso, meu amor, peço perdão Num desejo *suave* de alegria, Num êxtase de eterna adoração.

Lisboa

Adeusinho (L. A. C.)

23) ENIGMA FIGURADO



5) Á Tininha Sobral, Que é exímia charadista, Ofereço p'ra sua lista Esta charada banal.

Plantei no meu quintal Uma «*flor*» muito linda — 2 Que minha avó Deolinda Deu à «*mulher*» p'lo Natal. — 2

Agora se quer saber Qual o nome dessa «*dama*», Procure, faça favor, E diga como se chama.

Pôrto Fernando Laborim

SINCOPADA

6) Quando hoje fui passear Estive na tua *jazida*; Fiquei tão impressionada Que lhe fiz logo esta *cantiga*. — 3-2

Évora

Jotaême

ENIGMAS

7) Se antes de dois zeros Colocarmos a segunda, Vemos o *clarão* da manhã, Que de muita luz inunda.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

8) *Elegante?* Mas há *alguém elegante?* — 2-2. Lisboa Rocambolet (T. E.)

9) *Porque é que o oficial de justiça* não gosta da *corja* de bandidos? — 1-2.

Luanda

Dr. Sicascar (L. A. C.)

10) A vida seria bela se se usasse *apenas* a *prudência*. — 1-1.

Lisboa

Adeusinho

11) *Após* um grande *incidente*, vem a *morte*. — 1-2. Leiria Magnate (L. A. C.)

12) *Aude... marche... caminhe*, para o *motim*. — 1-1.

Lisboa

Mirna

13) Ficas a *olhar* para *mim* como se eu fosse um *parasita*. — 1-1.

Vila de Rei

Dóris I

14) A *morte* é para *qualquer* uma grande *patifaria*. — 2-2.

Lisboa

Agasio

15) Ao *reparar* na despesa que *ele desperdiça*, dá-me vontade de lhe dar com uma *chibata*. — 1-2.

Lisboa

Infante

SINCOPADAS

16) O respeito pela nossa *bandeira* é um exemplo *velho*. — 3-2.

Lisboa

Agasio

17) Por cima de um *copo* de *vinho* apetece comer *arroz cozido*. — 3-2.

Luanda

Ti-Beado

18) Não há no meu *harem* mulher de quem eu não *goste*. — 3-2.

Lisboa

Visconde da Relva

19) *Instaura* um auto por *basífia*. — 3-2.

Poço do Bispo

Mirones (L. A. C.)

20) Contento-me quando todo aquele que se considera *esperto* é *burlado*. — 3-2.

Poço do Bispo Rina (L. A. C.)

21) Em certa *sicia* de garotos, havia um que apanhou muita *sova*. — 3-2.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

22) Para não sofrer *humilhação*, vou-me embora *também*. — 3-2.

Lisboa

Mirna

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

INTERCÂMBIO INTELECTUAL ITÁLIA E PORTUGAL



Capela do Santíssimo na Sé de Coimbra

O verdadeiro conhecimento dos países faz-se através das belezas naturais que eles possuem e faz-se também com a propaganda das suas obras de Arte e das maravilhas que todos os países possuem em maior ou menor quantidade. Mas sempre algum encanto tem, porque os países como as mulheres, por feios que sejam têm sempre a recomendar-lhes alguma beleza, e, a Arte através dos séculos a todos estendeu os seus benefícios e os seus magníficos dons.

Mas para que os louvores feitos a um país às suas paisagens, às suas obras de Arte, não tenham o aspecto de réclama turístico de agência de viagens, ou de companhia de caminhos de ferro, devem ser feitos, não somente pelos naturais, como também pelos estrangeiros que os conhecem.

Portugal tem tido nos últimos tempos muitos visitantes ilustres, que em livros ou nos jornais, têm enaltecido o nosso admirável clima, as grandes belezas das nossas cidades e campos, mas são elogios de quem esteve de visita, são como que os cartões de visita, que depois duma festa se deixam nas casas onde somos convidados.

Há porém grandes amigos de Portugal, que muito tempo entre nós viveram, e, que são esses os verdadeiros amigos, que fazem uma propaganda sincera e espontânea, aqueles a quem devemos profunda gratidão e os maiores agradecimentos.

Na cabeça do rol temos que escrever em letras de ouro o nome de Guido Battelli, o douto professor, que de Florença a cidade das maravilhas, da arte e da ciência, veio trazer as luzes do seu formoso talento, a Coimbra a nossa encantadora e doce cidade universitária.

Nomeado professor dos Estudos Italianos na Universidade de Coimbra, o professor Battelli veio cumprir uma ordem do seu governo. Mas não foi o cumprimento restrito do dever que realizou entre nós, nos anos que aqui esteve.

O espírito poético e entusiasta de Guido Battelli, apaixonou-se pelo nosso país, pela beleza de Coimbra a velha cidade duma poesia inegável, que a seus pés vê correr o mais suave e lindo rio: o Mondego, que no Choupal ouve os mais trindados e poéticos cânticos do rouxinol, essa cidade tão cheia de alegria juvenil, dos moços que de todo o país ali acorrem, e de obras de Arte que encantam a vista; foi compreendida e amada por Guido Battelli, que a pesar de vir da mais bela cidade do mundo, dessa Florença dos museus magníficos como a «Galleria degli Nfizzi» a «Galleria Pitt». Dos palácios soberbos como o «Palazzo Vecelico» e o «Palazzo della Signoria», dessa cidade atravessada pelo suave Arno que a «Ponte Velha» atravessa numa encantadora evocação da Idade Média, a Florença dos jardins Boboli e dos arredores de tradições

de beleza, de encanto e de santidade, como Frisole e San Miniato al Monte, éle compreendeu e amou Coimbra, como amou todo Portugal.

Guido Battelli aprendeu o português, estudou-o, conhece-o melhor que muitos portugueses. Ele sentiu a beleza da nossa língua e traduziu os belos versos de Florbela Espanca para italiano, mas não contente de nos levar à Itália nas suas traduções dos Líricos portugueses modernos, de António Nobre, de João de Deus, de Gomes Leal, éle trouxe até nós em primorosa tradução os grandes poetas italianos e é um encanto a sua tradução do «Solan» de Giovanni Pascoli, êsse grande poeta, glória da Itália.

Portugal é para Guido Battelli uma segunda pátria e hoje que vive na sua Florença de mágica beleza, éle recorda saudosamente o país que carinhosamente o recebeu e onde viveu anos. Mas não são saudades infrutíferas as suas, não, a saudade para Guido Battelli é um fruto que se reproduz em gratidão, em ternura e continuamente o demonstram os seus trabalhos de poeta, de escritor e de artista.

Em Florença publicou um livro interessando-nos o mais possível sobre Sansovino e a influência da Arte Italiana da Renascença em Portugal.

Acompanhado de magníficas fotografias é um verdadeiro estudo, que junta à profunda cultura artística e conhecimento de história e de Arte, um grande amor pelas coisas belas que viu e que soube compreender e amar.

Prova-nos a influência dos artistas italianos na Arte da Renascença Portuguesa e como Sansovino êsse grande artista da escultura deixou vestígios da sua estada em Portugal com obras magníficas, obras não só suas como dos seus discípulos que ficaram fazendo maravilhas de Arte.

Nas suas investigações artísticas Guido Battelli, fala-nos na magnífica porta da Sé Velha de Coimbra, do célebre altar do Santíssimo e do maravilhoso S. João Baptista da Capela de S. Silvestre próximo de Coimbra.

Fala-nos também e com provas do que diz, da influência italiana no lindo claustro de Felipe II em Tomar.

Esse claustro tão diferente dos claustros a que estamos habituados em Portugal; claustros quase todos góticos e duma tão bela, como carregada linha de arquitectura, tem a linha elegante e sóbria dos claustros italianos e tem razão o erudito professor de atribuir à influência italiana a sua grandiosa beleza, que é um dos encantos do nosso maravilhoso Convento de Cristo de que se orgulha a graciosa cidade e que é uma das mais lindas joias do nosso tão rico património artístico.

E' bem natural a influência do grande Sansovino que nove anos passou no nosso país onde segundo afirma Vasari trabalhou muito.

Vasari afirma que Sansovino que habitou Portugal no tempo do rei D. João II, dirigiu a construção dum grande palácio com quatro tórres, que é hoje impossível identificar e provavelmente desapareceu com o terremoto de Lisboa, que fez um baixo relevo em terra-cota para reproduzir em mármore e uma estátua de S. Marcos, nenhuma destas obras apareceu mas outras não menos importantes ficaram, segundo as investigações do professor Battelli.

Entre elas o lindo baixo relevo em redondo que está no Museu de Arte Antiga, com uma moldura no estilo de Luca della Rabbia.

Uma estátua da Virgem, outra de S. Jerónimo e outra de S. Leonardo que estão, umas no Museu de Arte Antiga e outra na igreja de Belem.

O S. João que reproduzimos e que é uma maravilha, que encanta todos os que visitam a capelinha de S. Silvestre nos arredores de Coimbra, é obra de Sansovino.

No altar do Santíssimo na Catedral de Coimbra — a Sé Velha — é bem sensível a influência italiana e na Basílica de Padua, a capela do tesouro do Santo é quasi igual a esta.

Este estudo publicado em italiano na cidade da Arte é muito para reconhecer porque reproduz em lindas fotografias as belezas que a influência da Arte italiana deixou entre nós.

E' êste o verdadeiro intercâmbio intelectual,

pode dizer-se mesmo é esta a verdadeira fraternidade humana, a troca de belezas de elevada espiritualidade, de tudo o que há de elevado e de superior na alma humana e de genial no homem.

A influência de artistas estrangeiros na Arte dum país é sempre do maior valor, ela introduz qualquer coisa de novo na arte já existente, marca a sua influência, mas naturalmente adapta-se ao já existente e dessa combinação e da influência do meio nasce sempre qualquer coisa de novo e de belo. E' o que se nota na influência flamenga na nossa arte gótica, juntando ao espírito da Renascença Manuelina o carregado da Arte Oriental, que nesse momento de conquistas, avassalava a alma dos artistas.

Assim a influência de Sansovino e dos seus discípulos ficou bem marcada nalgumas das nossas obras-primas de que devemos orgulhar-nos e que constituem o nosso património artístico de que devemos sentir-nos tão ufanos como nos orgulhamos das nossas conquistas e dos feitos de armas dos nossos antepassados.

A junção de tudo o que é superior é que faz a grandeza e o triunfo dum país, mas essa grandeza, esse triunfo não cabem hoje em dia, em que tudo se espalha pelo mundo, dentro das fronteiras dum país.

O intercâmbio intelectual é necessário, é mesmo indispensável e podemos dizer que nos últimos quinze anos o nosso intercâmbio com a Itália tem sido dos mais felizes. Nomes como o de Guido Vitaletti o malgrado professor que tantas saudades deixou em todos que o conheceram em Portugal, de Hipólito Galante e tantos outros que têm marcado um lugar brilhante entre nós, não podem ser esquecidos.

Mas entre eles avulta o de Guido Battelli porque êsse não só serviu o seu país em Portugal, como serve também, hoje, Portugal na Itália.

MARIA DE EÇA.



S. João Baptista na capela de S. Silvestre perto de Coimbra



H entre nós um costume, que é caracteristicamente peninsular, é o falar alto. Pode perceber-se toda a Europa e em parte nenhuma se ouve falar alto, dizer em tom que a tudo se sobrepõe, o que nos interessa a nós, e, aos outros nada preocupa mas que assim impondo, e, como que uma maneira de chamar a atenção.

Na Inglaterra, como na França, na Alemanha e na Escandinávia não se fala alto, não se grita, não há borbolião.

Na educação das senhoras inglesas faz-se a maior atenção à maneira de falar e é interessante observar como falam as senhoras da aristocracia inglesa, como é educada a sua voz, que lembra o som argenteo de uma campainha de Prata ou o toque cristalino, dos vidros da Boêmia, quando tocados por metal.

É na verdade encantador um metal de voz educado, bonito e comedido.

Entre nós não se faz a mais pequena atenção a isso e na conversação se está um grupo numeroso, reparar em como todas gritam a plenos pulmões, aquilo que as interessa sem fazer caso algum, do que berram as outras subindo de diapasão para se fazer ouvir.

Se se discute um qualquer assunto, nunca se chega a uma conclusão, porque todas gritam a plenos pulmões e nunca se conseguem nem pôde haver acôrdo.

Se se trata de política e de opiniões contrárias, então é gravíssimo porque do berro passa-se facilmente ao insulto e no fim ninguém se entende e nunca se sabe porque professa tais ideias, quem nos gritos as impõe.

As crianças atropelam as conversas dos adultos, gritando também, e, isso não preocupa ninguém, então é natural, expõe o seu pensar. E como ninguém as corrige e ninguém lhes ensina que se não deve gritar, lá seguirão ainda fora falando como os alto-falantes de estação radiofónica.

Mas se em homens e crianças é feio o hábito de falar, como quem preza às massas, nunca senhora é muito feio e dá um ar muito pouco distinto.

Mas se o falar em casa ou em sociedade em elevado tom é feio, o que se não há de dizer de quem o faz em público.

Senhora que entra numa casa de chá, num cinema ou em qualquer parte, falando alto, chamando a atenção, por mais bonita que seja, por mais elegante, por mais bem vestida que se apresente, perde logo o seu ar de senhora.

Porque se a «toilette» é muito na apresentação, chama senhora, não é tudo, e as maneiras, o ar, a apresentação valem muito mais do que um rico vestido.

Uma senhora nunca deve chamar a atenção por que em vez de se tornar interessante torna-se ridícula.

Ainda não há muito entraram um electrico duas senhoras novas, bonitas, elegantemente vestidas. A senhora mais foi acolhida por olhares de simpatia da parte do elemento masculino, e de agrado e curiosidade pela «toilette» da parte feminina das passageiras.

Sentaram-se e em voz alta criticaram e discutiram uma amiga e parenta, com uma ferocidade que impressionava, depois contaram uma

à outra a sua vida, deram receitas de bolos e petiscos, tão gritada a cozeira, que não ficou um passageiro, sem saber como batiam as claras para os suspiros; estas elegantes donas de casa e indisciplinadas senhoras.

Os olhares de simpatia pelo seu belo aspecto e de curiosidade pela sua «toilette», tornaram-se em olhares de ironia e troca pela maneira pouco elegante como gritavam a sua vida e a dos outros.

Hoje que a mulher portuguesa pela sua «toilette» é uma das mais elegantes mulheres da Europa e que tem quasi que o encanto e o «chic» da parisiense, é necessário que tome também os hábitos das elegantes de outros países, e, aprenda a não falar alto e a não chamar a atenção pela estridência da sua voz.

O à vontade que dá a prática da sociedade e o uso do mundo, não se traduzem por maneiras desabridas e conversas gritadas.

Há uma delicadeza e uma maneira de ser que indicam uso do mundo e que não são acanhamento, que muito bem ficam a uma senhora.

Na educação das raparigas deve entrar a educação da voz, a maneira de se exprimir e também acasoa e intolerável na boca duma senhora.

A elegância não consiste apenas em ter o cabelo admiravelmente ondulado com a per-



manente, em ter a cara da cor que a moda impõe, as sobrancelhas em arco geométrico, usar vestidos de irrepreensível corte, chapéus de afamadas casas, peles caras; a elegância está sobretudo, nas atitudes, nas maneiras, na apresentação correcta, uma bonita voz bem modulada e articulada em cuidadoso tom, que não provoque a troca e não chame a atenção.

Falar alto, gritar pode ser, que no campo, nos mercados, não fique mal às camponesas que trabalham de manhã à noite, às vendedoras, que atormentam os compradores para melhor venderem a sua mercadoria.

Mas numa senhora é feio, é antiestético, e desagradável. É este um ponto que muito é para recomendar na educação das meninas e pedir às senhoras que lhe prestem tanta atenção como ao corte do seu vestido.

Pelas suas maneiras distintas uma senhora impõe-se tanto, como pelas suas bonitas «toilettes».

MARIA DE EÇA.

A moda

CRACIOSA chega-nos a moda da meia estação, com novidades preciosas, para aumentar a elegância e o «chic» da mulher.

Todas as estações temos uma novidade que nos torna mais elegantes, mais novas mesmo. De estação para estação a mulher modifica a sua silhueta, e renova a sua aparência.

PÁGINA FEMININAS

Nesta época de transformações em que tudo se modifica e muda de aspecto, a mulher tem de seguir o impulso e renovar-se, modificar-se. Vivemos numa época em que nada é fixo, como pode ser sempre a mesma a mulher, nesta modificação que tudo sofre à sua volta?

Nada é novo e no entanto, tudo se renova, a moda traz-nos reminiscências de coisas que já foram usadas por outras mulheres, há sessenta, há cinqüenta, há trinta anos, e no entanto são coisas novas para quem as não usou, dão um novo aspecto única coisa que se exige da moda.

Que nos modere, que nos transforme, que nos ponha de acôrdo com a agitação continua da vida moderna, esta vida agitada que nos faz viver numa roda viva, num corripio de saídas e entradas em casa, de jantares e de festas. Uma das novidades sensacionais é o vestido de jantar e mesmo de noite completamente fechado.

Maureen O'Sullivan, a linda estrela da Metro Goldwyn Mayer apresenta-nos um vestido de jantar elegantíssimo.

Em veludo preto é este vestido fechado até ao pescoço, que é tabém coberto com uma gola, as mangas até ao cotovelo são graciosíssimas. Uma gola em gaze de prata guarnece o pescoço, e, um laço da mesma gaze, serve de fivela ao cinto do vestido.

Sandlitas em setim preto com fivela em pedraria completam esta «toilette» duma distinção requintada.



Outro vestido de jantar de alta elegância e grande novidade, é o que apresentamos. Em seda «glacée» num largo xadrez preto e branco, este vestido, todo confeccionado com a seda envelizada tem na sua simplicidade bem estudada um requinte a que poderemos sem exagero chamar único. Tocando no chão todo em volta, é ligeiramente mais comprido atrás. O corpo é subido até ao pescoço e as mangas compridas até aos pulsos, a sua única guarnição é uma larga faixa da mesma seda, que aperta a cintura e cai em duas longas pontas franjadas.

Para a rua; Jean Chatburn a encantadora Jean, que anima com a sua fresca beleza os «films» da Metro Goldwyn Mayer apresenta-nos uma «toilette» em «Marocain» de seda preta. Saia e bolero. Uma blusa em seda preta e branca forma o pechilho igual às bandas do bolero. Uma larga faixa em «Marocain» forma uma ampla laçada ao lado.

O gracioso e pequeno chapéu sem qualquer guarnição é feito no mesmo tecido do vestido. Luvas brancas, sapatos de polimento e meias de finíssima seda preta, completam este gracioso conjunto a que uma linda carteira dá realce.

Para as saídas de manhã ou para desporto, temos uma bonita «toilette» em «jersey beije» dum corte simplicíssimo tem, a guarnecer a saia, duas algebeiras, com uma prega ao meio, o mesmo motivo forma a gola.



Sobre o vestido um casaco também em «jersey» duma cor de castanho brilhante. Simples e direito, bandas largas, cai com uma elegância maravilhosa, no pescoço uma linda «charpe» em quadrados, castanho e amarelo vivo, dá uma nota de cor. O cinto em camurça castanha é «clouté» de prata. O chapéu em «laize» castanha é guarnecido com um laço da mesma «laize».

Ao abandonar os pesados casacos de inverno, não podemos de maneira nenhuma pôr de parte as peles, que nalguns dias frios e ventosos ou à noite são imprescindíveis. E nesta altura do ano que entram em cena, as raposas sempre bem aceites e admiradas por todos, e, as grandes golas ou pequenas capas.

Damos hoje um lindíssimo modelo duma capa em raposa «argentea». Pela beleza da pele e pela maneira elegante como está armada, esta pequena capa é um verdadeiro modelo de elegância e é muito confortável, podendo servir de abafito tanto de dia como à noite, com um vestido de rua fica muito bem e não destoa com um sumptuoso vestido de noite.

O que se não sabe

Que os garfos e as colheres, de que todos nos servimos são de uso relativamente recente, entre os civilizados povos da Europa.

Na Inglaterra os primeiros que apareceram, foram trazidos de Itália em 1610 e não foram muito apreciados e até durante um tempo considerados inúteis.

Que o primeiro arado de ferro foi construído em 1720 na Inglaterra. Setenta e cinco anos depois, um inglês inventou o arado de relha em 1831, apareceu nos Estados Unidos o arado de relha, que se divulgou rapidamente, construindo-se aos milhares por ano.

Que das aves, a que maior velocidade atinge voando é a andorinha, que voa à razão de 67 metros por segundo ou seja 241 quilómetros por hora. As águias apenas atingem a velocidade de 112, o pombo correio 100 e a codorniz 67. O condor dos Andes é a ave que sobe mais alto. A águia pode ir até 3.000 metros e o corvo 1.400.

Que os sinais da pontuação na escrita são relativamente modernos. O ponto final apareceu no século XV; os dois pontos usaram-se desde 1485, a virgula desde 15 anos depois e o ponto e virgula desde os meados de 1570.

Coisas deste tempo

DURAM os jornais há pouco a notícia de que num concurso de professoras, foi notada uma concorrente pelo seu estranho aspecto, bem contra vontade sua foi obrigada a concorrer a dizer, que era homem e que vinha em nome de sua mulher.

Aparente o assunto descobriu-se de que este pobre homem que vinha substituir sua mulher, muito acanhada, para entrar num concurso, era chefe de família e há muito, estava desempregado e como é mais fácil as mulheres arranjar emprego, do que os homens, ele e a mulher lembraram-se deste estratagem, que não deu resultado, por ser muito masculino o seu aspecto.

É este simples episódio um sintoma do que se passa pelo mundo, nestes tempos em que tudo anda trocado e em que as mulheres conseguem lugares e trabalho, enquanto os homens se vêm obrigados a ficar em casa, fazendo os arranjos domésticos e embaldando os filhos.

Este estado de coisas a que a guerra mundial deu origem há vinte anos, modifica os costumes, a orientação, que regulava a família e toda a sociedade.

As mulheres habituadas a governar a sua vida, a ganhar dinheiro e a ser livres, tornaram-se duma independência, que de dia para dia se tem accentuando.

Os homens cedendo terreno passo a passo, viram dum dia para o outro invadidos todos os lugares pelas mulheres.

Nas escolas, é vulgar salientarem-se as raparigas pela sua aplicação ao estudo, nos escritórios, são as empregadas as mais diligentes.

É muito interessante esta manifestação da inteligência feminina, que se não se manifesta em génios como a masculina, tem pelo menos igual-



dade no estudo vulgar e no desempenho de lugares.

Esta victória feminina custa à família a sua quasi dissolução, porque a mulher ocupada com esses assuntos não pode entregar-se aos cuidados que a família exige.

É preciso trabalho para o homem para que ele possa sustentar a família e a mulher ocupar-se dos arranjos caseiros.

De contrário, veremos partir para o emprego de pasta de dentes do braço, a mulher; e, o homem ficará em casa varrendo, limpando e dando o «biberon» às crianças.

Hão-de concordar que é o verdadeiro desequilíbrio dentro da família.

Higiene e beleza

DEBEMOS sempre lembrar-nos dos muitos serviços que nos prestam os pés e tratá-los com carinho, porque nos transportam continuamente dum lado para o outro e carregam o nosso peso.

Mas além da gratidão há a parte estética, e, os pés devem ser bonitos, como as mãos. Em Portugal quasi todas as senhoras têm bonitos pés, quando calçadas, não há sapateiros como os portugueses para arcarem graciosamente os sapatos, e empoleirá-los em altíssimos tacões.

Mas por esse mesmo motivo as senhoras portuguesas tem em geral uns pés desgraciosamente atalçados e deformados por calos. Nesse caso o remédio é recorrer aos pedicuros onde os haja, e tratá-los em casa o melhor possível nas terras pequenas onde ainda não há o especialista de tratamento de pés. Para ter os pés bonitos é preciso usar um calçado comodo, o que não está ainda em uso na maioria das senhoras.

Mas podem tratar os pés da seguinte maneira. Pó-los de molho em água morna ou mesmo quente com uma mão cheia de sal, durante um quarto de hora, em seguida, enxugá-los bem e untá-los com vaselina esterilizada fazendo uma massagem a todo o pé, dedo por dedo. Depois cobrir os pés com pó de talco. Ter o cuidado de cortar bem as unhas e arranjar as unhas. As senhoras que usam envernissar as peles dos pés como a das mãos. É um exagero que não é talvez do melhor gosto, mas como é moda todo se acceta.

PIMIDE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — V. 10, 6, 3
Ouros — 8, 2
Paus — 7, 4

Espadas — R. N. Espadas — D. 10, 5, 4
Copas — — — — O. E. Copas — — — —
Ouros — D. V. 9 O. E. Ouros — 10, 7
Paus — R. V. 8, 2 S. Paus — D. 10

Espadas — A. V. 9, 7
Copas — — — —
Ouros R. 6
Paus — A. 3

Trunfo copas. S joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

O joga D. e., N — R. e., S — 3 e.
N » A. e., E — 7 p., (a), S — 10 p.
S » A. o., e mais ouros até N cortar R. o.,
de O.
N » 5 p., enforquilhando os paus de E.

(a) Se E não corta A. e., e se balda:
N joga A. e., (b) E balda-se a 3 o., S — 2 p.
S » A. o., e mais ouros até N cortar R. o.,
de O.
N » 5 p., que S prende com 10 p.
S » 10 o.
S » 4 e., N — R. e.
N » 2 e., ou E corta e está dado chelem
ou E se balda a 10 e. e joga 3 p.
S » 5 e., N — A. e. e está cumprido o
chelem.

(b) Se E se balda a espadas:
N joga A. e., E balda-se a 6 e. e S — 10 o.
N » 3 e., se E corta, S recorta e o jogo
está simplificado.
Se E se balda a ouros, S 2 p.
S joga 4 e., N — R. e.
N » 4 p., S — 10 p.
S » A. o. e mais ouros até N cortar R. o.,
de O.
N » 5 e., S — 3 p. ou recorta, se E cortar.
S » 5 e., N — A. e. e ficam enforquilha-
dos os paus de E.

Os peixes e a isca

Solução

Conforme facilmente se viu, com certeza, o peixe que apanhou a isca foi o do canto superior direito.

A cegonha vaidosa

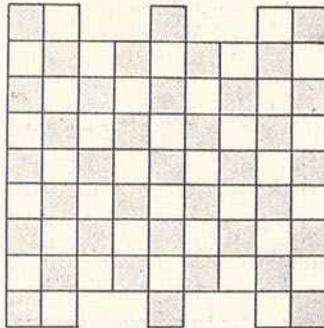
Sucedeu, há muitos anos, que os empregados do Liceu de Hamburgo passaram uma semana inteira cheias de indescritível agitação.

Tôdas as manhãs aparecia quebrado o vidro de uma das janelas do edifício que deitam para a rua. Em vão os criados passavam a noite de vela para apanharem o malfetor; a rua permanecia tranqüila, as portas não se abriam e ninguém passava pelos pátios nem pelas escadas.

No entanto, o vidro partido continuava atestando que a vigilância era iludida, até que se descobriu que o autor da façanha não subia da rua mas, pelo contrário, descia do céu. Era uma grande cegonha que devido a uma estranha mania, ia todos os dias, ao nascer da aurora, mirar-se naqueles vidros, e sem dúvida por não se achar satisfeita com a sua imagem, quebrava o espelho às bicadas.

Os nove tentos

(Problema)



Eis um taboleiro de xadrez de forma desusada, contendo 73 casas. Poderão, sobre ele, dispôr-se nove tentos de modo que não fiquem dois dêles na mesma fila nem horizontal, nem vertical, nem diagonalmente?

Xadrez a mais

Depois de ter perdido uma partida de xadrez que durou 60 horas, o campeão polaco d'este jogo, Friedman, endoideceu e teve de ser internado numa casa de saúde.

Insensíveis à dor

Um missionário que trabalhou na China durante muitos anos disse: «Uma cousa muito curiosa com respeito aos chineses é a sua indiferença pela dor. Faz-se uma grande porção de trabalho cirúrgico no grande hospital da cidade, dirigido pelas missões unidas, em Cantão, e supôs-se, ao princípio que havia de custar muitíssimo a convencer os indígenas a deixarem-se anestesiarem; mas os médicos viram com grande surpresa sua, que os anestésicos raras vezes eram necessários, e que os seus doentes suportavam as mais graves operações sem o mais leve estremecimento.

O chinês, em geral, toma a posição requerida e mantém-se nela como uma estátua.

«Se isto é devido a terem os nervos embotados ou a estoicismo, ou a uma combinação de ambas as coisas nunca fui capaz de descobrir, mas o facto é que o hospital de Cantão gasta menos clorofórmio e menos éter do que qualquer outra grande instituição desse género, no mundo».

Onde estão eles?

(Passatempo)



— Perdi a minha machada e os meus dois companheiros de trabalho, não querem lá ver!

Ajudem o pobre do homem a encontrá-los, que êle está ralado.

Dote original

Os habitantes da Mandchúria, entre outras particularidades curiosas, dedicam-se à criação de cães.

O que há nisto de especialmente interessante é o uso que fazem desse hábito, porque o cão que, entre nós, geralmente se chama o amigo do homem, é na Mandchúria o amigo da mulher; serve-lhe de dote, permitindo-lhe casar com um homem de posição mais ou menos elevada, segundo o número de cães que leva consigo. Com efeito, nesta região longínqua, o dote dum rapariga consiste num certo número de cães cuidadosamente engordados e de farto pêlo sedoso: seis se ela é pobre; quatro vezes mais se é remediada; uma matilha, se é rica.

A lua e o casamento

«Traz infelicidade casar depois da lua cheia».

Esta singular superstição teve origem entre os camponeses alemães, os quais ainda acreditam firmemente que a sua felicidade conjugal não perdurará se casarem durante o quarto minquante e que, pelo contrário se o fizerem durante a lua nova, terão saúde, riqueza e felicidade.

Duas gémeas de Chicago, Betty e Mary Yarnner, perfeitamente semelhantes uma à outra e fartas de serem miradas, apontadas e tomadas uma pela outra, resolveram submetter-se a operações faciais para se tornarem diferentes.



O amigo (para o noivo em viagem de núcias): — Toma lá estas revistas e estes livros, caso não tenhas nada para ler durante a lua de mel!

(Do The Happy Magazine)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936

Esc. 19.048.594\$54

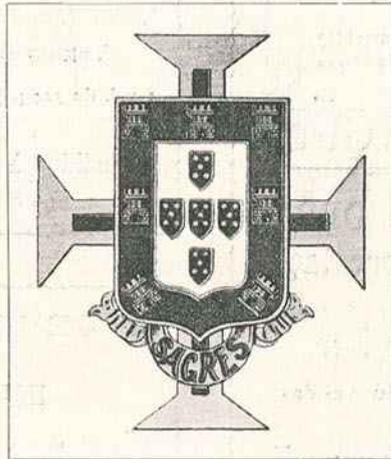
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936

Esc. 13.915.096\$56

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Um grande sucesso de livraria

À venda a nona edição, revista

11.º MILHAR

F Á T I M A

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a cores e ouro . . . 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. Banaboião, anacoreta e mártir

novo romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança . . . Esc. 13\$50

Pedidos a LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 75-LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS. Duches, Irrigações. Pulverizações e Inalações. etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infravermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos,** segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

1 vol. de 104 págs., brochado... 10\$00

Pelo correio à cobrança 11\$50

Edição especial numerada, assinada pelo autor ... Esc. 25\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

Êste mundo e o outro

O outro mundo — Arca de Noé — Este mundo
de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo
de 1935 — Tempo de 1936 — Juízo final

1 volume de 298 páginas, brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

por JÚLIO DANTAS

À VENDA O 3.^o MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza
e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princesas
de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião —
O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bra-
gança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua
galega — A rainha peregrina — El Português em Sevilla — A loucura de Don Quixote
— O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra
de Cervantes — Puente de Bartzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa

a cores, oiro e prata 12\$00

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

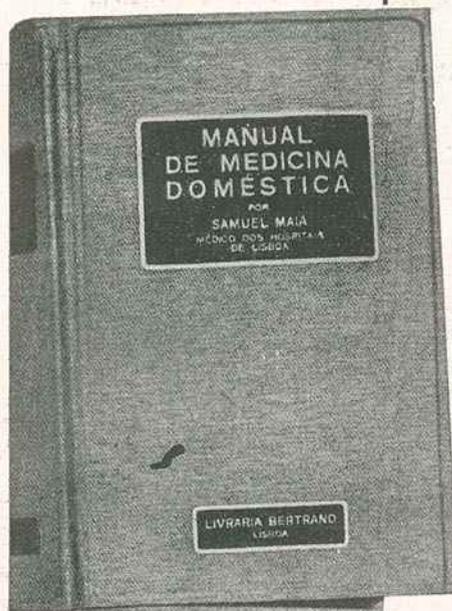
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Todas as manhãs
para toda a família



Como o pai tem de ir para o emprêgo e a pequenada para o colégio, é preciso fazer-lhes o banho rapidamente, todas as manhãs.

O Esquentador Vacuum N° 1 resolve este problema. O modelo «C», (com chuveiro) prepara um banho de 100 litros de água a 40° em 17 minutos, consumindo unicamente 1,5 decilitro de petróleo.

ESQUENTADORES VACUUM N° 1



Só são Esquentadores Vacuum N.º 1 aqueles que tem gravada a marca VACUUM.